



FIDELIDADE DINÂMICA E CRIATIVA NA VIDA RELIGIOSA **- Uma obediência respeitosa e amorosa a Deus, a si e às pessoas -** *Ir. Paulo Dullius, fsc*

A fidelidade é realidade complexa que requer reforço, renovação e criatividade. Prometer um amor que dure para sempre é possível quando se descobre um desígnio maior que os próprios projetos que nos sustentam e que permite doar o futuro inteiro à causa do Reino de Deus.

1. Introdução e contextualização

A questão da fidelidade na vida religiosa, no matrimônio nos coloca diante de uma realidade bem humana, não resultante de forças instintivas, mas do exercício da liberdade e da responsabilidade. As opções se regem por realidades vistas como ideais, como metas, e/ou resultam de uma estrutura pessoal ou coletiva que se enraíza no passado. Há opções mais centrais e outras mais periféricas, no sentido de envolverem o conjunto da pessoa ou apenas aspectos dela. Não há opções que garantam em si a fidelidade, a capacidade de manter a opção realizada. A fidelidade vai depender de uma complexidade de fatores oriundos do passado, da forma de estímulos sociais e comunitários, da capacidade de responder aos desejos mais profundos conscientes e inconscientes que as pessoas e os grupos possuem. A fidelidade pode ser compreendida como um profundo respeito pela verdade presente na vida de cada pessoa. A resposta a esta verdade se constitui numa obediência respeitosa para com Deus que ama e que deseja fidelidade a seu amor; obediência a si, ao desenvolvimento da estrutura que nos caracteriza; obediência ao povo que nos é enviado e ao qual precisamos amar e servir.

A fidelidade é uma possibilidade estimulante e alegre de viver opções e promessas realizadas num passado mais ou menos remoto ou recente, e reassumida hoje e amanhã. A fidelidade é uma das características humanas de expressão da maturidade e da liberdade. No entanto, ela precisa superar a dimensão de estaticidade para garantir maior dinamicidade e criatividade no itinerário de vida, sobretudo pelas novidades que decorrem da própria vida pessoal e grupal e também oriundas de realidades externas culturais e circunstanciais.

Em um tempo passado, não tão distante, as sociedades eram mais simples e os ritos de iniciação criavam identidade e estabilidade. Hoje há tantas evidências que insistem na mudança, numa mudança de época, mudança de paradigmas e também de compreensão da realidade. A influência desta realidade em mudança se reflete numa identidade mais oscilante, e se diluem os traços da permanência. A fidelidade dentro deste mundo em mudança ainda não se compreendeu bem e não se lhe dá suficiente espaço estrutural - é quase uma opção contracultural. Acentuando a mudança, a fidelidade pode transformar-se em algo raro, difícil e sem muito sentido. Aumentam as variáveis e

pressões externas e internas, o que diminui a identidade mais estável e pode produzir na pessoa e nos grupos inseguranças que as levem a pensar em outras opções que sejam também significativas para elas.

Hoje também, inclusive para a vida religiosa, se deslocou um tanto o núcleo de compreensão, interpretação e decisão. Se num tempo passado a dimensão espiritual era o foco motivador, a forma de vivê-lo se transformou na variável interpretativa que poderia prever fidelidade ou infidelidade. Nesta dimensão a fidelidade foi considerada mérito, e a infidelidade vista mais como algum pecado e infidelidade à graça. Mesmo reconhecendo a validade desta dimensão e visão, hoje somos convidados veementemente a aperfeiçoar nossa visão integral de pessoa, dentro de seu processo de vida, sobretudo considerando as dimensões física, psíquica, espiritual, social e cultural. Há certa prioridade sequencial que requer atenção especial à dimensão física primeiro, depois à dimensão psíquica e social e, depois, à dimensão espiritual. Isso significa que a fidelidade tem alguma relação com a satisfação pela qual pessoas e grupos vivem todas as dimensões constitutivas humanas. E todos sabemos que nos interessamos positivamente pela etapa seguinte se tivermos realizado satisfatoriamente as fases anteriores. Em outras palavras, é preciso considerar certos pressupostos para garantir maior fidelidade a projetos assumidos para si, em sociedades e grupos. Sempre foi a pessoa como um todo que fez as opções e se manteve fiel a elas, mas o contexto externo favorecia, sobretudo numa cultura da cristandade. Não era tão necessário estar atento a uma fidelidade sempre renovada. Hoje, sim, a fidelidade requer uma renovação quotidiana.

Hoje mudaram, em parte, os fatores ou aspectos que interferem na fidelidade ou não fidelidade a compromissos assumidos. Se é possível manter promessas e votos, pode também ser possível não manter promessas, e isso ser uma falta de fidelidade. Estamos mais acostumados a valorizar a fidelidade pois ela se aproxima da imagem e semelhança de Deus. Todas as pessoas e culturas são muito sensíveis à fidelidade/infidelidade. Consideram, em geral, a infidelidade como sendo algum tipo de traição, ainda que não compreendendo as razões que levam a não manter a fidelidade. Quanto maior for a conexão entre fidelidade e autoestima, maior será a sensibilidade frente à traição. As infidelidades sempre criam algum tipo de insatisfação. Esta questão das razões para a fidelidade ou infidelidade hoje se torna muito significativa, sobretudo quando pessoal e institucionalmente queremos manter um carisma que nos foi confiado, uma revelação sobre o ser humano e Deus realizados por Jesus Cristo e pelo compromisso de cada ser humano em realizar e em participar na construção do Reino de Deus.

O termo 'fidelidade' nos remete à palavra *fé*, no sentido de adesão, como o expressa Silvano Burgalassi¹, ou seja, uma observância sistemática e contínua de um preceito ou de uma promessa. Mas significa também uma "entrega interior e total que se refere à própria fidelidade de Deus"². A fidelidade é possível, mas não é um determinismo biológico, nem psíquico, nem espiritual. É resultado de uma elaboração complexa

¹ Silvano Burgalassi, in Dicionário de Pastoral Vocacional, Salamanca, Ed. Sigueme, 2005, p 505. Original, italiano: Dizionario di Pastorale Vocazionale, a cura del Centro Internazionale Vocazionale Rogate, Ed. Rogate, Roma, 2002.

² Burgalassi, Dic. Pastoral Vocacional, p 505.

da liberdade e da visão de continuidade de uma identidade que tem traços que permanecem e outros que mudam. A fidelidade é uma decisão como promessa que define a continuidade em aspectos significativos de nossa vida e estrutura. Todos temos consciência de sermos os mesmos, mesmo considerando as mudanças maiores ou menores que acontecem em nossa vida. Há aspectos genéticos e culturais e mesmo educacionais da primeira infância que são 'intocáveis'. Mas há outros aspectos novos e oportunidades sobre as quais a pessoa vai assumindo sua identidade. A partir deste aspecto pode tomar decisões e ela mesma vai estabelecendo a continuidade na descontinuidade. Paul Ricoeur especificou esta diferença de identidade pela denominação de identidade *idem* e identidade *ipse*³.

Para compreendermos mais este tema precisamos assumir a realidade como ela se apresenta hoje naquilo que se refere à fidelidade e ao abandono da opção feita numa instituição religiosa. A questão da fidelidade e da infidelidade é realidade não apenas na vida religiosa, mas também na vida matrimonial, na vida social e pode abarcar aspectos bem centrais da vida como também aspectos menos significativos no referente à opção fundamental. Podemos assumir que em geral uma grande decisão de fidelidade – e também de infidelidade – é o resultado de pequenas decisões e ações continuadas na linha da fidelidade e da infidelidade⁴. Nada é indiferente, ou seja, a fidelidade e a infidelidade não são surpresas imprevisíveis nem momentâneas, mas resultam de uma complexa situação pessoal que pode ser melhor compreendida fazendo uma análise e itinerário no tempo da pessoa e dos grupos. Tanto a fidelidade quanto a infidelidade dependem de uma variedade de fatores, entendíveis apenas a partir da história daquele que nela está envolvido.

Neste complexo convém aprofundar a questão da fidelidade. Deus se revela como um Deus fiel. A história nos presenteia com tantos exemplos de fidelidade. Pessoas que são significativas ainda hoje são aquelas que um dia disseram 'sim' e o mantiveram pelo bem da humanidade, mesmo que este 'sim' tenha incluído, depois, dificuldades, obstáculos, dúvidas, incertezas e sacrifícios. Todos nós temos em nossa memória tantos 'sim' que ajudaram a humanidade, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, dentro da história da Igreja, do Instituto... São "sins" que expressam uma obediência ao Espírito Santo. "A fidelidade de Deus se manifesta quando a pessoa se coloca a questão da opção de vida. Mas precisa ser retomada, pois pode-se querer desistir e renunciar a um compromisso que parece superar nossa capacidade"⁵

A fidelidade segue as várias etapas da vida e tem suas características e exigências, dependendo da idade, das circunstâncias e do grau de maturidade. Na passagem de uma etapa da vida para outra, pode haver momentos de insegurança e fragilidade. Esta fragilidade aumenta quando há experiências não bem elaboradas na fase anterior. A fidelidade tem sua psicodinâmica e seu processo que dependem da estrutura humana e de

³ Identidade *idem* se refere à dimensão mais estável e a identidade *ipse* à continuidade dentro da realidade que muda. Veja-se de Paul Ricoeur, especialmente **O Si mesmo como um outro** e **Percurso de Reconhecimento**.

⁴ Isso se pode ver bem em Davi e no próprio Judas: ambos seguiram a lógica de pequenas infidelidades e entraram numa dinâmica de pecado que, no final, se manifestou em ações graves, como conhecemos.

⁵ Burgalassi, Dicionário de Pastoral Vocacional, p 510.

como esta estrutura tem sua configuração no presente momento, no contexto das motivações conscientes e inconscientes, nos ideais pessoais e grupais presentes, nas alternativas de opções possíveis, na maturidade afetiva, intelectual, profissional, religiosa. Dentro desta perspectiva se incluem também os contextos cultural, social religioso como variáveis que podem configurar as opções e a identidade da pessoa.

Mesmo se estamos hoje presenciando uma certa facilidade para não manter compromissos e fidelidades, precisamos insistir na fidelidade e ajudar as pessoas a poderem manter as promessas como reflexo de sua liberdade interior, sua alegria de viver a partir das opções feitas. Por isso convém ressaltar os facilitadores da fidelidade dinâmica e criativa. O acesso a causas de desistência pode iluminar o caminho da fidelidade. “A fidelidade é tarefa que requer superar dificuldades, buscar novos horizontes, caminhar na devida direção e com uma boa companhia. A fidelidade está ligada à felicidade e ao êxito”⁶.

Na fidelidade dinâmica e criativa tem importância o acompanhamento pessoal e comunitário como iluminador do sentido profundo que cada pessoa busca e que é encontrável nas instituições. Este acompanhamento inclui algumas indicações processuais para a fidelidade - de responsabilidade de cada pessoa, da comunidade e da instituição mais ampla. A partir de uma compreensão mais ampla da complexidade da fidelidade ou infidelidade pode-se assumir alguns compromissos pessoais, comunitários e também institucionais. Estes compromissos não garantem a fidelidade, mas podem dar razões à fidelidade. “O caminho de preparação para o estado consagrado parece exigir personalidades mais fortes, não excessivamente rígidas, capazes de receber ajuda de uma comunidade humana religiosamente madura”⁷.

As reflexões que seguem têm como objetivo aprofundar mais a fidelidade e como ela pode ser importante para a pessoa e para as comunidades. Referem-se mais à vida religiosa, mas a questão de manter fidelidade encontra-se em qualquer estruturação humana, seja dentro da vida religiosa seja da vida matrimonial. Representa em primeiro lugar uma fidelidade a si e ao desígnio de Deus sobre cada um de nós. É uma obediência respeitosa e amorosa a Deus, a si e às pessoas.

Sobre este tema projetam muita luz várias publicações sobre Vida Religiosa nos últimos tempos, especialmente instâncias amplas como congressos, reuniões de Superiores Gerais. Sou muito grato pelas contribuições de tantas pessoas sobre o tema, significando a importância deste tema. Destaque especial aos integrantes do Secretariado de Formação do Instituto, aos Irmãos Provinciais em sua reunião de junho de 2016, e à União Internacional de Superiores Gerais, em duas de suas Assembleias Gerais⁸.

2. A questão da fidelidade

⁶ Fidelidad y abandonos en la vida consagrada hoy, UISG, 66º conventus semestralis, (2006) p 3.

⁷ Buralassi. Fidelidad, in Dicionário de Pastoral Vocacional, p 510.

⁸ **FIDELIDAD Y ABANDONOS en la vida consagrada hoy**, Roma, Litus, Unione Superiori Generali, 66º conventus semestralis, 2006 (?) e **PARA UNA VIDA CONSAGRADA FIEL – desafíos antropológicos a la formación**. 67º Conventus semestralis, Unione Superiori Generali, Litos, Toma, 2006 (?)

A fidelidade na vida religiosa se refere ao modo positivo e livre de viver a opção de estado de vida religioso. Pode-se perseverar neste estado de vida sem expressar fidelidade ao projeto do Reino de Deus. Isso pode acontecer quando há permanência por motivações centrais inconsistentes, tais como busca de segurança, medo da vida, gratificação e compensação de lacunas afetivas e econômicas, dificuldade de encontrar um sentido para sua vida, fuga de sentimentos de culpa conscientes e inconscientes. Algumas pessoas gostariam de ter vocação e não a tem, e gostariam de forçar Deus a satisfazer seus desejos. Muitas pessoas, consciente e/ou inconscientemente, procuram prestígio, algum tipo de poder e facilidades... e veem na instituição religiosa uma boa oportunidade para preencher estas lacunas pessoais. Mesmo com motivações nem sempre adequadas, enquanto persiste uma forma de segurança ou gratificação permanecem dentro, mas sem serem suficientemente fiéis. Pe. Luigi Maria Rulla distingue a perseverança dos que permanecem na vida religiosa com liberdade, eficácia apostólica e como engajamento no Reino de Deus, daquela perseverança daqueles que permanecem porque lhes convém, fazendo da vida religiosa um ninho de tranquilidade, segurança e conforto⁹. Há também os que abandonam este estado de vida - não podemos, no entanto, dizer que foram infiéis ou não perseveraram. Esta desistência é uma questão complexa que se pode entender melhor caso por caso, e ao longo de nossas considerações¹⁰.

A fidelidade é dinâmica e criativa. Refere-se à nossa capacidade de assumir compromissos, promessas - e mantê-las ao longo da vida - ou a uma realidade provisória. A tendência é pensá-la como definitiva pois em nosso interior profundo sabemos ou nos foi ensinado que a fidelidade vem de nossa estrutura humana, à imagem e semelhança de Deus. E Deus é amor e poder. Assim o compreendemos e assim é. O amor tem como sua grande característica ser eterno. A fidelidade é uma compreensão do amor e, também por isso, supomos que seja mantida uma promessa e temos dificuldade de aceitar a falta de fidelidade. “A pessoa fiel experimenta uma profunda alegria, e sua vida se torna fecunda. A cultura atual reforça demasiado o provisório, o descartável, o movimento, a mudança e o espontâneo”¹¹. É por isso que se precisa encontrar formas criativas de fidelidade. A identidade ipse – opção de continuidade nas discontinuidades – também se aplica à vida religiosa e à opção por ela: continuidade na diversidade de culturas e contextos.

2.1 Aspectos gerais: um exercício da liberdade

Creio que seja oportuno colocar, desde o início, a questão da liberdade como uma das características humanas fundamentais. Fala-se muito de livre arbítrio e puro arbítrio, ou seja, de decisões realizadas a partir de um contexto amplo, objetivas, de referenciais espirituais, culturais, institucionais... e de decisões tomadas a partir de critérios meramente pessoais, subjetivos, os quais incluem um misto de maturidade e imaturidade, liberdade e pseudoliberdade. Tomar decisões todos podemos, e nossas decisões podem representar nossa liberdade interior ou nossa imaturidade em vários aspectos. Muito se

⁹ Cf LM RULLA, *Depth Psychology and Vocation*.

¹⁰ Isto se pode ver quando tratarmos o tema abaixo, ponto 7, baseando-nos em diálogos diversos e em reflexões feitas pelos Superiores maiores, algumas delas presentes em **Fidelidad y abandonos...**

¹¹ **Fidelidad y abandonos...** p 3.

tem escrito sobre esta estrutura humana tanto em aspectos espirituais como psicológicos e filosóficos¹² no que se refere à liberdade. Poderíamos também falar de liberdade exterior e liberdade interior. A liberdade exterior pode ser legal, geográfica, social, cultural e religiosa. Jesus, no final de sua vida, praticamente não tinha liberdade exterior, mas sim liberdade interior, aquela que sustentou sua causa e sua opção fundamental. Esta liberdade interior é a decisiva para manter a fidelidade.

A fidelidade a Deus e ao Reino de Deus dentro da opção pelo estado de vida religioso, vivida numa instituição específica com seu carisma e missão, requer grande nível de liberdade interior, especialmente pelos possíveis condicionamentos externos que poderiam significar algum tipo de obstáculo e resistência para o exercício efetivo da liberdade interior. Dentro do contexto atual precisamos pessoas fortes, saudáveis, maduras e com grande capacidade de amar a Deus e às pessoas. Este é o exercício da liberdade que traz alegria e realização. Este movimento de interioridade e de intimidade com Deus e com sua vontade facilita a fidelidade dinâmica e criativa.

2.2 Fidelidade de Deus na história da humanidade, na Igreja, no Instituto e em cada pessoa

O modelo de nossa fidelidade nós o referimos à fidelidade de Deus. Ela faz parte de sua essência e é um de seus distintivos como Deus e como Pai: “Eu sou o primeiro e o último. Com amor eterno te amo, por isso te mantenho meu favor” (Jr 31,3). Silvano Burgalassi recorda que há muitas expressões da fidelidade de Deus¹³. Sua fidelidade está ligada à misericórdia como no-lo recorda também Papa Francisco¹⁴. Os cristãos baseiam a segurança de estarem salvos na fidelidade de Deus. “Fiel é Deus que vos chamou a viver em união com seu Filho, Jesus Cristo Nosso Senhor” (1Cor 1,9). A fidelidade de Deus manifesta-se plenamente em Jesus. Jesus também ‘amou os seus que estavam no mundo, e os amou até o fim’ (Jo 13,1). Consequentemente, toda experiência religiosa, pessoal e comunitária, é a história de uma dupla fidelidade: a fidelidade de Deus e a fidelidade do homem. O amor e a fidelidade de Deus são infinitos. Nossa fidelidade é limitada e passível de alguma forma de infidelidade. “Ela se expressa na fidelidade a Deus, aos Irmãos, aos homens e mulheres de nosso tempo, aos pobres”¹⁵.

Esta mesma fidelidade de Deus se pode confirmar em toda história de Israel, no Cristianismo, na Igreja, no Instituto e em cada pessoa. As nossas infidelidades não mudam a fidelidade de Deus. A linguagem antropomórfica sobre Deus, sobretudo no Antigo Testamento, pareceria indicar algum tipo de mudança e de ‘infidelidade’ por parte de Deus, mas isso é nossa visão humana que o estabelece e interpreta. “Se somos infiéis, Deus permanece fiel” (2Tim 2,13). Assim, a possibilidade de infidelidade revela a fragilidade humana, a queda e o fechamento no limite, no egoísmo, no imediatismo, na autossuficiência, na falta de liberdade interior. O desejo de fidelidade se concretiza nas experiências de amor. Quanto mais o amor for experimentado e partilhado, mais se abre

¹² A antropologia tem-se detido bastante sobre a questão da liberdade. Veja-se, por exemplo, **Liberdade, ponto crucial da antropologia**, in: PALUMBIERI, Sabino. *L’Uomo, questa meraviglia. Antropologia Filosofica I*. Urb. Un. Press, Roma, 1999, p 241 ss. Também se pode compreender algo saudável ligado a este ponto, em João Batista Mondin, **Antropologia Teológica**, São Paulo, Ed. Paulinas, 1985, p 100-119.

¹³ Burgalassi, in. Dicionário de Pastoral Vocacional, p 509.

¹⁴ Papa Francisco, in Misericórdia Vultus (O rosto da misericórdia).

¹⁵ Alvaro Rodríguez Echeverría, in: Fidelidad y abandonos... p 11.

o caminho da fidelidade. Num mundo frágil e ambíguo como o nosso, a capacidade de amar tem muitas alternativas, mas também muitos riscos. Estamos presenciando como estes riscos estão muito presentes e se confrontam com as fragilidades e a falta de amor. Com isso, a possibilidade de infidelidade pode ser mais frequente. Não esqueçamos: de uma forma ou outra, sempre houve infidelidades. Nossa realidade de abertura ao transcendente se realiza numa condição humana na qual está presente a fragilidade, e nela alguns naufragam explicitando a realidade do mal e diferentes formas regressivas onde é difícil manter a fidelidade.

2.3 Chamado a um seguimento e missão e a resposta dentro das possibilidades e fragilidades

Uma das formas de discernimento se refere à modalidade específica de amar. Em vez de pensar a opção pelo estado de vida religioso mais como uma vocação, é preferível olhar a vida humana dentro do mandamento a amar. Dentro da constituição humana, um dos pontos nucleares e centrais está na capacidade maior ou menor de amar. E este amor tem uma expressão concreta que se transforma na missão, no local e na modalidade de amar. Os religiosos realizam este mandamento de amar dentro de uma disposição universal de amar a todos, especialmente aos mais frágeis. Pessoas que casam se inspiram mais num modelo particularizado de expressão do mandamento a amar. Então, a educação ao amor e a capacidade de doar a vida com alegria e como expressão da experiência de sentir-se amado fazem a pessoa e os grupos entrarem no contexto da fidelidade. Não há fidelidade autêntica sem amor.

“A fidelidade da pessoa como resposta à fidelidade de Deus se apresenta como opção fundamental ou como opção de vida. Somente no conhecimento do mistério divino da salvação se desvela o mistério do homem”¹⁶. Não é que só pode ser fiel aquele que crê no Deus cristão. A fidelidade é uma possibilidade real de todo o ser humano, mas tem sua origem ontológica nesta estrutura definida por Deus. De alguma forma, toda fidelidade é uma revelação de Deus. A fidelidade não é um ideal abstrato impossível de realizar, mas se realiza no concreto humano que precisa ser promovido, protegido, desenvolvido e compreendido. Assim compreendido, recordemos novamente que a infidelidade não é um mal moral em primeiro lugar, mas uma condição humana na qual existe a possibilidade de fechar-se no limitado, no imediato, nas vantagens momentâneas, na queda na tentação do mal.

Toda decisão vital é uma forma mais central de opção da existência e se defronta com passos em um futuro incerto e obscuro. Na medida em que temos a convicção de que nossa vida tem sentido positivo e de que se encontrou o fundamento em Deus, então abre-se mais a possibilidade de fidelidade, dentro de um itinerário dinâmico. Buscamos algum tipo de satisfação. Se não a encontramos, nossa tendência é não insistir nem permanecer na insatisfação, mas mudar ou tentar outras alternativas. Por isso a experiência do amor a Deus e às pessoas precisa ser vivida como algo gozoso, alegre, agradável. Sendo aprofundada e retomada criativamente, nos sentimos estimulados a seguir crescendo nesta opção. A vontade e a realidade de desistir deste itinerário comporta, portanto, algum tipo de insatisfação – espiritual, psicológica, social, física... – que desperta o desejo de buscar alguma satisfação em outras formas de viver, em aspectos menores ou em seu conjunto.

¹⁶ Buralassi, Fidelidade, in: Dicionário de Pastoral Vocacional, p 510.

Não é necessário sonhar com uma vida sem fragilidades, mas assumir as possibilidades reais decorrentes de nossa fragilidade e de nossa possibilidade, fazer as opções e mantê-las dentro daquilo que nós mesmos podemos esperar de nós, e do que a Instituição pode apoiar e sustentar no sentido do crescimento na fidelidade. Deus confia em nós e é fiel à sua promessa de salvação¹⁷. Esta percepção e vivência torna-se, pouco a pouco, uma experiência pessoal. E Deus e seu Reino vão sendo o referencial central, e Jesus se transforma em primícias de nossa fidelidade e no modelo para servirmos com alegria o próximo.

2.4 Aspectos da fidelidade: a pessoa – a comunidade – a instituição

Podemos abrir o leque de nossa fidelidade considerando três variáveis que entram no processo da fidelidade. Da qualidade de cada um – pessoa, comunidade, instituição - pode-se ter elementos para entender a eficácia apostólica e sua força na fidelidade dinâmica e criativa. Em vez de considerar rapidamente o mistério da graça, convém considerar estas três variáveis e ver sua inter-relação e influência na liberdade objetiva para crescer e seguir na fidelidade a Deus, a si e às pessoas para as quais somos enviados. Deus é uma presença permanente e onipotente tanto na pessoa quanto na comunidade e na instituição. Sua graça é sua presença na estrutura humana. Se há alguma dificuldade, não é da falta de graça, mas falta de nossa disposição efetiva, capacidade e falta de liberdade para optar seguindo o amor de Deus.

Podemos concordar que o seguimento na vida religiosa depende de muitos fatores e não apenas da decisão pessoal. Não segue com liberdade e maturidade a opção pela vida religiosa quem quer, mas quem pode e tem condições existenciais, como muito bem o avalia Carlos Domínguez Morano¹⁸. Sempre precisamos considerar a relação dialética entre a pessoa – a comunidade – a instituição. A pessoa vem com sua estrutura pessoal construída em sua vida passada - como veremos a seguir; a comunidade, lugar afetivo, humano e dos valores evangélicos, é suporte, incentivo e garantia de realização humana ampla, incluindo a dimensão espiritual; a instituição é decisiva enquanto carisma, enquanto proposta existencial válida para hoje e amanhã, enquanto alternativa de realização dos ideais pessoais, incluindo os oriundos da estrutura humana passada e os oferecidos como ideais. A associação para a realização de ideais espirituais que dão sentido à vida é variável para uma unidade entre o que a pessoa deseja em profundidade para si enquanto é vivido e estimulado por uma comunidade e enquanto é proposto como sociedade ampla engajada na realização concreta do Reino de Deus.

Despertar, incentivar e promover o crescimento pessoal, ter uma boa experiência comunitária e associar-se a um engajamento apostólico atraente... eis o que pode facilitar a fidelidade dinâmica e criativa. O contrário também faz sentido: muitos conflitos físicos, psíquicos e espirituais, pouco apoio comunitário, frágil projeto apostólico... tudo isso pode ter suas consequências nefastas na fidelidade e na perseverança. A pessoa frágil do ponto de vista humano precisa ser ajudada por uma boa comunidade com unidade e apoio em diversos aspectos, e também precisa de um bom projeto institucional que lhe dê segurança, identidade e motivação para ir superando aspectos existenciais que possam comprometer a fidelidade dinâmica e criativa. Grupos – comunidades - que

¹⁷ Buralassi, Fidelidade, in: Dicionário de Pastoral Vocacional, p 509.

¹⁸ Veja-se mais sobre esta questão, em MORANO, Carlos Domínguez, **La Aventura del Celibato Evangélico**, Vitória, Editorial Frontera, 2004.

estão fundamentados em modelos imaturos podem ser obstáculos à fidelidade. O mesmo se pode dizer das instituições quando não oferecem razões atraentes e transcendentais que motivem a vida das pessoas e dos grupos.

Uma pessoa saudável do ponto de vista humano e que é movida por uma profunda fé e visão apostólica; uma realidade comunitária na qual há acolhida, compreensão, diálogo e relações fraternas maduras evangélicas e que se expressa numa associação para a missão do carisma; uma estrutura institucional que anima as pessoas e comunidades, que é reflexo da elaboração conjunta, que tem grandes e motivadores projetos apostólicos nos quais vale a pena empenhar sua vida... tudo isso facilita o projeto de fidelidade dinâmica e criativa.

3. Fidelidade e estágios da vida

A fidelidade tem suas características específicas esperadas para cada fase da vida e para circunstâncias bem específicas e diferenciadas. Todos precisamos viver positivamente cada etapa da vida. Em cada etapa há características de amor que facilitam o crescimento e a passagem para a etapa seguinte. Realidades e aspectos não bem vividos numa fase são obstáculo ao crescimento e despertam desejos de recuperação ou compensação. Algo semelhante se pode dizer quando não se permite viver bem uma etapa da vida, mas se exige que a pessoa viva a maturidade da etapa seguinte sem que esteja suficientemente preparada. Todo tipo de desproporção gera ansiedade e possibilita repressão e regressão. É preciso um amor e um respeito profundos em cada etapa da vida. Nunca realizamos com suficiente amor cada etapa da vida. Quando há lacunas fortes, elas impedem de assumir compromissos posteriores interferindo em nosso processo de fidelidade prometida e mantida. A possibilidade do amor e do desamor acontece em qualquer fase e etapa da vida. Mas somente um mínimo de amor vivido estimula as pessoas a se abrirem aos demais e a outras etapas mais maduras. O amor está ligado a expressões de vida como aceitação, acolhida, compreensão, valorização, promoção, acompanhamento, cuidado. E o desamor se caracteriza por formas de agressão, desvalorização, rejeição, isolamento, repressão... Esta distinção é importante manter presente, pois a fidelidade e a permanência dependem bastante do amor que a pessoa e o grupo recebem e manifestam, comprometidos com uma causa evangélica.

3.1 Diversas etapas da fidelidade em diferentes momentos da vida

A grande fidelidade é a Deus, a si e ao desempenho da vontade dele em qualquer momento da vida, especialmente na etapa na qual se vive. Cada etapa da vida tem suas especificidades enquanto expressão, enquanto desejos e enquanto formas de viver em comunidade, seja ela família, comunidade paroquial e educacional, sociedade cultural. Não é aqui o lugar para desenvolver as características de cada etapa da vida¹⁹. Há uma compreensão generalizada sobre características maduras que são específicas de uma determinada fase da vida. Importa ter presente que o sucesso existencial de cada etapa prepara a pessoa e os grupos a se disporem à seguinte etapa com boa motivação, com grande chance de sucesso e com empenho de si como um todo integral.

¹⁹ Todos conhecemos livros, experiências diversas onde se pode aprofundar o conhecimento e o acesso a diferentes etapas da vida em diferentes épocas e culturas. É muito recomendável conhecer estas realidades e exigências, e poder entender mais sua possível interferência no processo da capacidade de fidelidade.

Podemos distinguir as etapas de crescimento de duas formas: dentro de um processo de crescimento – etapas sequenciais e distintas - e como dinâmica e processo de mudança de uma etapa existencial para outra. As etapas do processo de crescimento são-nos conhecidas pelos livros que tratam do desenvolvimento humano²⁰. A passagem de uma etapa para outra pode ser realizada com sucesso ou pode nem sempre ter sucesso pleno. Para isso é importante distinguir os modelos de crescimento que podem ser sequenciais ou hierárquicos. Os modelos sequenciais acentuam as variáveis que vão mudando, mas podendo a pessoa não ter resolvido todas as características da fase precedente. Este modelo é muito frequente, e é bastante característico dos escritos de Eric Erikson. O modelo hierárquico tem algumas características básicas que precisam se realizar, caso contrário a pessoa permanece no estágio no qual está. É mais frequente no modelo de L. Kohlberg com seu desenvolvimento moral. No caso do modelo sequencial a pessoa passa a assumir características da etapa seguinte, mas pode ter questões não resolvidas nas etapas anteriores, que impedem uma liberdade efetiva requerida para a etapa atual. São os ferimentos afetivos ou as frustrações de desejos. Um crescimento qualitativo requer curar os ferimentos das etapas anteriores. No modelo hierárquico, a pessoa pode permanecer numa etapa anterior e nunca evoluir a uma etapa pós-convenicional de adulto. Será imaturo para os compromissos que assume para hoje e pode não conseguir ser fiel.

Para crescer qualitativamente precisamos ter boas experiências - e por bom tempo - dentro da etapa correspondente na qual se vive a fim de aumentar nossa autoestima, nossa segurança e, assim, nos dispormos a dar o passo para a seguinte etapa. O sacrifício pode ser visto como saudável quando está a serviço do amor ou como sua expressão. Portanto, expressão de uma realidade teleológica que se apresenta como alcançável, mesmo com alguma renúncia, ruptura ou sacrifício. Sacrifícios passivamente aceitos não contribuem para um empenho saudável. É provável que, de alguma maneira, a infidelidade a uma promessa possa ser resultante de algum tipo de imaturidade e insatisfações acentuadas na vida interior, na comunidade ou na missão.

Podemos distinguir - para o caso que nos interessa aqui – ao menos três fases mais centrais do desenvolvimento humano: a) A fase da infância, na qual o centro está na dimensão física: corpo, corpo dos outros, conforto material, segurança de moradia e de tranquilidade ambiental. Nesta centralização vai se compreender o amor, ou as experiências que predisõem a superação desta centralização mais material. Toda experiência de amor – aceitação, segurança, conforto material... – predis põe ao crescimento e à abertura tranquila para a fase seguinte. As dificuldades nesta leitura ‘material’ são assimiladas como falta de amor e deixam seus efeitos negativos. Consequentemente despertam desejos de se vingar de si e de outros, de compensar ou de destruir o próprio projeto e o de outros. Pode haver alguma lacuna nesta fase da vida que leve a pessoa a escolher a vida religiosa como lugar compensatório. Mesmo permanecendo nela, se não integrar esta sua história, sua eficácia apostólica²¹ será frágil e pouca.

²⁰ São muito úteis, neste caso, as abordagens de Ausubel, S. Freud, Melanie Klein, Eric Erikson, L. Kohlberg, J. Fowler e outros.

²¹ Eficácia apostólica significa a força dos valores, sobretudo evangélicos, que acompanham as ações e os empreendimentos. Eficiência se refere mais à metodologia adequada para chegar aos objetivos previstos. Alguém pode ser muito eficiente e pouco eficaz. Pessoas com grande qualidade interior em geral são muito eficazes do ponto de vista apostólico.

b) Uma outra fase na vida se orienta mais pela socialização e compreensão do mundo. Boas experiências de comunidade, de aceitação pelo modo de ser, o acesso à cultura... podem significar experiências de amor. Os pais e a família podem facilitar esta iniciação na vida social. Sentimentos de inferioridade oriundos de comparações, julgamentos, identificações... fazem as pessoas se isolar e enrijecer. Com o tempo criam uma estrutura rígida e regressiva e usam-na em suas dinâmicas sociais, podendo até pensar que se trata de uma ação objetivamente correta, porque a aprenderam do mundo adulto. Uma educação no respeito, no amor e no diálogo posteriormente vai facilitar o compromisso na fidelidade, na promessa e na humanização dos demais. Fracassos neste processo fazem a pessoa reprimir, regredir e se fixar em formas imaturas de viver. Estas formas imaturas podem provocar buscas compensatórias e de superação, mas podem também predispor a certa insatisfação por não superar os obstáculos; e a pessoa pode colocar em questionamento a fidelidade e a continuidade das opções centrais feitas na vida.

c) Outra fase que podemos citar consiste na vida adulta na qual a pessoa repete as experiências feitas na própria família, os modelos assumidos e internalizados. O acesso a visões de sentido de vida que sejam boas é uma forma de experimentar o amor. Algumas frustrações e fracassos na expressão de um verdadeiro altruísmo podem gerar insatisfações e levar a questionar a objetividade das opções anteriores e também, possivelmente, despertar o desejo de mudar as decisões feitas até agora e buscar outra forma existencial, incluindo outro estado de vida.

A mudança de um estilo existencial para outro – opção de vida - em geral acontece uma ou duas vezes na vida. Para o caso da vida religiosa, além de considerar todo processo de amadurecimento humano e cristão que nos é facilitado pela compreensão da estrutura humana, pela antropologia filosófica e teológica, pela psicologia e sociologia e pela cultura... além desta superação de uma etapa na qual se vive para assumir uma seguinte etapa mais madura, a vida religiosa precisa considerar a complexa realidade do modelo familiar e o modelo da vida religiosa. Alguns escritos de Carlos Domínguez Morano chamam especial atenção a esta experiência existencial²² no sentido de que para entrar na vida religiosa como opção evangélica de construção do Reino de Deus é preciso ser capaz de deixar para trás o modelo familiar, ou seja, deve agir com liberdade segundo a vontade de Deus e superar aquilo que dificulta fazer opções radicais por Deus e seu reino. A pessoa realizou experiências na família, com amigos, com comunidades. Estas experiências podem incluir frustrações e também sucessos. Quanto aos sucessos, pode ser que a pessoa queira repeti-los ou refletir-se neles com liberdade para realizar o seu próprio caminho autônomo a partir de outros referenciais. Os insucessos afetivos, as frustrações desencadeiam lacunas afetivas que podem interferir nas escolhas seguintes para a vida religiosa e comprometerem a fidelidade com liberdade e criatividade. As reações podem ser as mais diversas em questões de visão da vida religiosa, da vida fa-

²² Veja-se, especialmente, Carlos Domínguez MORANO, *La Aventura del Celibato Evangélico. Sublimación o represión, Narcisismo o alteridad*. 2004, Editorial Frontera, Vitoria/Gasteiz, España, e *Amores y desamores en la vida consagrada*, Vitoria, Ed. Frontera, 2014.

miliar. Os êxitos favorecem a fidelidade e a liberdade. Isso faz pensar que há certas condições para optar pelo Reino de Deus e se manter fiel²³. A passagem do modelo familiar ao da vida religiosa se reveste de uma importância particular. Vai depender bastante do conteúdo e do método para realizar esta passagem com êxito sem fugir nem reprimir, mas como uma opção para uma liberdade maior e uma expressão de verdadeiro crescimento. Esta passagem requer uma atenção especial por parte da pessoa e da comunidade. Precisamos ter presente que a própria estruturação da vida religiosa se baseou bastante no modelo da família. A semelhança é repetida pela analogia: A vida religiosa é uma família, mesmo que esta analogia tenha suas limitações, como nos recorda Adrian van Kaam.

3.2 A passagem de etapa e as fragilidades e possibilidades: variáveis existenciais

A passagem de uma etapa para outra sempre apresenta algumas incógnitas em relação ao futuro. Também significa fazer alguma ruptura da realidade atual. Esta ruptura ou separação sempre significa algum tipo de risco. Podemos afirmar que só crescemos com rupturas e superações, mas nem toda ruptura é crescimento. Perda de pessoas amadas, rompimento de compromissos, de amizades, desânimos na vida que levam a opções regressivas... são rupturas que não significam crescimento.

O processo de separação ou ruptura em geral segue momentos e dinâmicas distintas. As passagens de um estágio para outro podem se referir a uma questão bem ampla e global, mas também se aplicam a situações mais simples de nosso cotidiano. Algumas rupturas e passagens acontecem bastante sem nosso planejamento. Há forças alheias a nós, por exemplo, que definem nosso crescimento físico e deixamos de ser crianças para nos tornarmos adolescentes, jovens, adultos e idosos. Mas nem tudo obedece unicamente à realidade do corpo: há tantas outras variáveis a considerar quando se trata de uma passagem qualitativa de viver para outra etapa. Cada nível tem sua lógica própria para mudanças e para crescimento. Quanto mais universal o nível – como o espiritual – mais a caracterização depende de uma complexidade maior de fatores. No caso da opção religiosa temos três realidades: a pessoa antes de entrar, o processo de entrar e a concretização do pertencer à instituição religiosa. Para tal, portanto, temos três momentos deste processo de passagem. Cada momento tem suas características que precisam ser bem estruturadas para preencherem positivamente sua realidade. É uma espécie de rito de passagem. Genep²⁴ acentua que cada rito de passagem compreende necessariamente três estágios, fases: separação, margem, reagregação, ou seja: fase preliminar, liminar e pós-liminar. Em largos traços estes passos acontecem na opção pelo estado religioso. Dá-se a ‘separação’ do modelo familiar, dos amigos, do contexto, dos valores, da visão da vida, do lazer, da cultura e de tantas outras questões ligadas a esta realidade. É preciso ajudar a cada um a compreender e a realizar este processo. Um segundo momento, ‘margem’, se refere ao processo de formação inicial na qual ainda não se tem identidade nova nem ainda identidade no seguinte grupo que realiza a acolhida – vida religiosa – com suas características comunitárias, afetivas, pro-

²³ Veja-se também um texto meu sobre este tema: *O celibato pelo Reino de Deus*, a ser publicado na Revista CONVERGÊNCIA, crb do Brasil.

²⁴ GENNEP, ARNOLD VAN (1873-1957), antropólogo francês que estudou os fenômenos religiosos, sobretudo na África.

fissionais, apostólicas. Esta passagem se revela como nova, insegura e também surpreendente por antever progressivamente a nova estruturação na medida em que avança o processo de separação e se aproxima da nova realidade. É um profundo momento de transformação estrutural. Uma vez dentro da nova realidade, dá-se a ‘reagregação’, e a pessoa tem novamente sua identidade, segurança...

Isso parece indicar algo significativo para o que estamos considerando. Pode haver facilidades ou dificuldades na separação do modelo familiar e pode haver dificuldades ou facilidades dentro do modelo novo – vida religiosa. Contudo, ressalta-se a fase do estar à margem, na qual não se tem suficiente identidade e se vive certa solidão e incerteza. A passagem em si é muito delicada: Deixa-se uma realidade e ainda não se tem uma nova. Este desconforto se presta a processos de ansiedade e de regressão, como bem recorda Melanie Klein em seus escritos. Esta insegurança pode ser interpretada como regressiva: regressão para estágio anterior e fuga (negativa), ou regressão a serviço do eu (positiva). Bom conhecimento, suporte afetivo, acompanhamento próximo e confiante facilitam esta passagem.

Quando fazemos boas experiências familiares estamos mais dispostos a superar este modelo e a empenhar-nos no modelo que é, para nós, aquele da vida religiosa. A passagem, o ‘estar à margem’, não será dramática se houver estímulos positivos por parte da família e se houver proporcional acolhida em um novo modelo na própria família e na Instituição religiosa. Deixamos para trás a família, os amigos, certos empenhos motivacionais, nossos bens, nossas seguranças e nos embrenhamos num futuro que pode ser muito atraente e corresponder ao que Deus pede de nós. A fragilidade da passagem, a liminalidade, se beneficia com um bom acompanhamento, com uma segurança afetiva e com estímulos que possam garantir um sucesso nesta ‘travessia’ de um modelo para outro. Precisamos abrir mão do modelo familiar, separarmo-nos dele pelo exercício de nossa liberdade e assumir outro modelo que nos acolhe e confirma. A maneira de acolhimento do grupo no qual se entra neste processo de reagregação, esta forma ampla, desempenha papel importante e que pode facilitar a opção e ajudar a reencontrar nela nova identidade e segurança estimulando, assim, a fidelidade. A passagem pode ser mais dramática e difícil ou pode ser menos dramática. Mas ela é muito importante e requer atenção especial das pessoas, da instituição e do itinerário formativo. A experiência sagrada tem esta dinâmica muito presente na própria estrutura de transformação e libertação, como na missa, nos ritos dos sacramentos, na experiência de Deus, como o faz ver Dario Zadra²⁵.

Isto dito, convém estar atento à compreensão do modelo da separação – família – para saber algo das predisposições que estão dentro da pessoa e dos grupos. Modelo familiar se refere à forma pela qual uma família está estruturada e é significativa dentro de uma determinada cultura. Sabemos que para algumas realidades esta estrutura – modelo – é muito significativo, e também muito presente em decisões posteriores. Naquilo que este modelo familiar favorece as opções, precisa ser valorizado. Quando o Evangelho fala em ‘odiar pai e mãe’ não se refere a um sentimento negativo, mas quer dizer que a família não pode ser um obstáculo para o crescimento na liberdade e na realização da vontade de Deus. A última palavra sobre as opções é de Deus e não da família. A família precisa ajudar as pessoas a descobrir a vontade de Deus e favorecer a

²⁵ Dario ZADRA, *Il tempo Simbolico: liturgia della vita*, Brescia, Morcelliana Editrice, 1985.

fidelidade a ela. Pode haver pessoas que tenham grande dificuldade de separar-se do modelo familiar porque representa sua frágil segurança, ou porque as frustrações afetivas fazem as pessoas – sobretudo inconscientemente – decidirem pela repetição deste modelo para recuperar o que lhes ‘faltou’ quando ainda crianças. Além disso, os valores espirituais e altruístas frágeis podem fechar a pessoa e os grupos a uma doação livre e amorosa pelo Reino de Deus.

Além deste processo de separação, a fidelidade e o engajamento no novo reagrupamento são facilitados pela forma pedagógica e humana positiva de acompanhar a pessoa no processo de separação, de ‘solidão’, de busca e de experiências de uma nova identidade que corresponda àquilo que no mais profundo deseja. Ambientes de acolhida, de proximidade, de diálogo, de partilha asseguram um afeto positivo para aquele que está realizando esta passagem de um modelo para outro, sentindo-se incentivado e vendo-o como alternativa saudável para sua vida. Alguma não continuidade na vida religiosa pode ter tido a influência de formas pouco caritativas e misericordiosas na elaboração do processo de separação do modelo familiar, ou em não tornar a nova comunidade suficientemente segura e atraente e desafiadora.

4. Psicodinâmica e o processo de fidelidade

Tendo considerado alguns aspectos dos estágios da vida e a passagem de um para outro, podemos explicitar algo sobre a psicodinâmica e o processo de fidelidade, antes de considerar o contexto mais amplo e os facilitadores da fidelidade.

A pessoa é o resultado daquilo que viveu até o presente momento e daquilo que se propôs a viver no futuro, dentro do contexto de hoje e amanhã. A questão da fidelidade dentro deste contexto de passado e futuro apresenta-se como desafio - e nunca suficientemente previsível. As surpresas da vida provindas do passado, do presente e do futuro desafiam possíveis previsões, especialmente aquelas deterministicamente feitas. Entre estímulo e resposta o ser humano interpõe todo um mundo simbólico, como o diz Ernst Cassirer²⁶. Este mundo simbólico inclui uma psicodinâmica antropológica complexa que se estrutura a partir da psicogênese e a partir de todo um mundo vivido hoje e amanhã. As pessoas fazem respostas mais imediatas ou mais refletidas²⁷, mas sempre incluindo a realidade consciente e inconsciente. Por mais que se reflita, às vezes não se consegue superar a predisposição que nos vem de conteúdos inconscientes.

Quando se fala da psicodinâmica queremos compreender a estrutura humana agindo como um todo. Podemos ser influenciados em qualquer parte e também nos organizarmos em motivações as mais variadas. Sinteticamente falando, somos uma unidade sensível ao amor como núcleo identificador humano. E este amor está presente na dimensão física, psíquica e espiritual, social; nas potencialidades do afeto, da inteligência e da vontade; na cultura, na história, na arte, nas conquistas tecnológicas, na construção do que permanece e do que muda. Sobre estas áreas diferenciadas se estrutura

²⁶ Cf. Ernst CASSIRER, *Filosofia delle Forme Simboliche (Fenomenologia della conoscenza, il linguaggio, il pensiero mitico)*.

²⁷ Uma reação mais imediata e instintiva (emotional wanting) é mais impulsiva e conta com o conteúdo essencialmente afetivo, da memória afetiva; outra reação, mais refletida a partir de critérios (rational wanting) e valores mais objetivos. Pe. Rulla, in *Depth Psychology and Vocation*, trata mais detalhadamente desta dinâmica.

o amor ou o desamor, nas características acima mencionadas. Esta estruturação é a psicodinâmica e interfere nas decisões que tomamos para hoje e amanhã. Ora, a organização pessoal, dentro de uma instituição, pode facilitar ou pode dificultar a fidelidade e a vivência das promessas realizadas, bem como o sustento positivo e saudável do estado de vida.

4.1 Fundamento existencial consciente e inconsciente como motivação

Todo o vivido pertence à nossa identidade, saibamo-lo conscientemente ou não o saibamos. Não há nada esquecido ou destruído para sempre de quanto se refere a nós que o vivemos. Temos muitos dados intelectuais em nosso consciente e inconsciente. Tudo pode servir de motivação potencial ou real para as ações em qualquer etapa da vida. Aqui convém ressaltar a valorização do inconsciente realizada por Freud, transformando-o num verdadeiro dado humano que precisa ser incluído na cultura²⁸. Isso significa que há dados inconscientes presentes na vida humana desde a concepção até o final da vida, com intensidade diferente segundo o conteúdo e a idade, e segundo a força do consciente. O que assumimos também é que, se o inconsciente é da pessoa, ele está presente em todas as características antropológicas, especialmente na dimensão psíquica e espiritual. E também não podemos assumir que nele os conteúdos presentes sejam fruto da repressão, como afirmava Freud. O inconsciente faz parte da constituição humana e tem suas leis próprias. Como nele estão as experiências vividas, de amor e de desamor, com as quais a pessoa se defrontou em sua família, em sua cultura e em seus ideais, é muito sábio aceitar esta dimensão humana e encontrar os melhores métodos de acesso a ele. Conhecendo melhor nosso interior profundo podemos evitar surpresas motivacionais. Pode-se, assim, evitar que apareçam conteúdos que podem condicionar nossos comportamentos e nossas decisões. Dentro de nosso tema, o inconsciente pode ser um dos aspectos bastante centrais na tomada de decisões, nas motivações para tais decisões e na possibilidade e probabilidade de fidelidade. Conteúdos do inconsciente podem sempre nos surpreender se não temos um mínimo de conhecimento e integração de nossa história. O grande passo da passagem do esquecimento para a memória consciente é um desafio necessário na vida das pessoas e dos grupos. Só podemos compreender se conhecemos amplamente aquilo que sucedeu. Conhecendo e compreendendo podemos redirecionar motivações, objetivos na vida e opções²⁹. Podemos também descobrir as fragilidades e possíveis predisposições que poderiam questionar a fidelidade a nossas opções centrais. Na fidelidade - dentro das causas que facilitam ou dificultam a capacidade de manter promessas e adesões a instituições - as causas provindas do inconsciente podem ter papel muito importante. Hoje é quase uma exigência que formadores, superiores, religiosos tenham algum acesso seguro e uma compreensão ampla do inconsciente³⁰.

²⁸ Este reconhecimento do valor cultural do inconsciente foi realizado por Paul Ricoeur, in: *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*, Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1977. Título original: *De L'Interpretation: Essai sur Freud*, 1965.

²⁹ Muitos aspectos desta dinâmica podem ser encontrados em: **RICOEUR**, Paul. *La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli*. Paris, Éditions du Seuil, 2000.

³⁰ Há métodos mais indiretos de acesso ao inconsciente e outros mais diretos. Todos requerem um profundo itinerário para a interioridade psíquica e espiritual. Um dos métodos de acesso mais direto podemos encontrar em: MORAES, Renate Jost. *As Chaves do Inconsciente*, Rio de Janeiro, Ed. Agir, 1990; e *O Inconsciente sem Fronteiras*. Aparecida, SP. Editora Santuário, 1995.

O consciente e o inconsciente pertencem à mesma pessoa. Nem sempre o conteúdo e a dinâmica inconscientes coincidem com os dados do consciente. A brevidade deste texto não permite desenvolver suficientemente esta conexão e inter-relação. A história, especialmente a história da vida religiosa, privilegiou sempre a dimensão consciente que inclui dados afetivos, mas sobretudo aspectos intelectuais e volitivos. E direcionou estes dados para a área espiritual ao redor da qual realizou as opções de vida. Continua sendo sempre importante a dimensão consciente, sobretudo na responsabilidade de escolha de conteúdos, experiências e ideais que possam favorecer a fidelidade às opções realizadas. Se os conteúdos inconscientes, os quais têm também aspectos afetivos, cognitivos e volitivos, se estes conteúdos forem frágeis no sentido de não sustentarem opções e promessas, a fidelidade pode também ser frágil. O contrário também é válido: conteúdo afetivo saudável, conteúdos intelectuais baseados em tantos valores e opções favoráveis ao estado de vida, tudo isso pode predispor para uma fidelidade mais madura, livre e comprometida.

Há uma corresponsabilidade pessoal e institucional para valorizar experiências, conteúdos e opções que apoiem as opções feitas pelas pessoas e grupos. Elas podem facilitar este itinerário, mesmo que não possam garanti-lo sempre, pois há outros aspectos que se apresentam e são interpretados, elaborados dentro da memória afetiva que sintetiza o conteúdo geral do inconsciente. Podemos, portanto, optar por fortalecer o consciente para criar mais unidade com a opção feita. Recordemos que não há ação humana que seja unicamente consciente. Sempre há aspectos inconscientes que captam aspectos que fogem do consciente. Esta unidade ou correspondência entre o meu ideal e os meios que uso para o sustentar precisa ser completada com a integração da dimensão inconsciente. Por mais válido que seja o empenho consciente para compreender, sustentar nossas opções, podemos ser surpreendidos pela realidade inconsciente que também nos identifica enquanto capacidade de crescimento, de discernimento, de escolhas e enquanto capacidade de manter as decisões tomadas com fidelidade.

O caráter consciente e inconsciente de nossa vida significa que, em grande parte, vivemos sem saber e sem conhecer todas as nossas motivações, impulsos, forças, ideais, medos e desejos que fazem parte de nossas decisões e opções de vida, de nossa opção pelo celibato ou pelo matrimônio, e também na fidelidade do seguimento das decisões feitas. Por isso é tão fácil equivocarse nas opções afetivas – tipos de expressão do amor - que as pessoas realizam em suas vidas. Em qualquer momento da vida podem emergir, numa pessoa casada ou celibatária, especialmente religiosos, aspectos ignorados de seu mundo afetivo. Para evitar demasiadas surpresas na vida, o conhecimento do consciente e do inconsciente, da cultura, das possibilidades pessoais e coletivas... tudo isso pode ajudar a responder melhor ao tão desejado êxito de fidelidade até o fim.

4.2 Os ideais e desejos pessoais e grupais como energia da diversidade de opções

Além de aspectos conscientes e inconscientes que nos podem ajudar a compreender melhor o processo de fidelidade dinâmica e criativa às opções existenciais realizadas, também é útil avaliar bem os desejos e ideais pessoais e grupais como motivação e energia para descobrir, realizar e manter decisões feitas. Os ideais podem ser essencialmente conscientes, ao passo que os desejos podem ser conscientes e inconscientes.

Quanto maior for a força e motivação inconsciente dos desejos, mais podem ser importantes nas decisões feitas e mantidas ou a manter.

Os ideais são metas estáveis e representam formas de ser e os meios para chegar a internalizar estas metas. Já o dizia Nietzsche: “Quem tem uma razão, ideal, para viver e morrer, em geral encontra os ‘como’”, ou seja, os meios para chegar lá. Só que os ideais não são suficientes para encontrar os ‘como’. Há ideais que são fruto da expressão saudável da interioridade da pessoa e são realistas no que se refere à possibilidade de alcance com êxito. Mas há também os ideais que são construção compensatória de frustrações e são irrealistas, ou seja, não são possíveis para a pessoa ou o grupo pois as fragilidades contrárias são muito fortes e intensas e comprometem a capacidade de êxito. Este processo tem muito a ver com a questão da fidelidade.

As nossas motivações podem ter causas muito diversificadas. Basicamente elas vêm do passado ou do futuro (ideais). Conhecer e avaliar bem o passado, o arqueológico, com suas consequências na pessoa hoje, incluindo os ideais que estabeleceu... é de grande utilidade para avaliar as possibilidades de fidelidade. Sempre precisamos contar também com a força motivadora dos ideais claramente estabelecidos, com as metas viáveis e altruístas. É a dimensão teleológica. A importância deste aspecto arqueológico e teleológico foi ressaltada por Paul Ricoeur³¹. Freud é o referencial para o arqueológico, e Hegel (em Fenomenologia do Espírito) representa a dimensão mais teleológica. A vida religiosa tem dado muita importância à motivação teleológica. Numa linguagem aristotélica, a causa final é a primeira causa. Para nós, o seguimento de Jesus Cristo e o engajamento na realização do Reino de Deus constituem o núcleo motivador da vida religiosa. A identificação e seguimento de Jesus Cristo é a meta e o ideal. O próprio estado de vida religioso se inspira nesta causa teleológica. Convém continuar valorizando ideais significativos para a vida humana e que signifiquem opções de realização e de humanização. Isso é muito, mas não basta.

O que podemos também fazer é avaliar os ideais dentro do conjunto da pessoa e dos grupos, para ver sua objetividade e evitar frustrações. É preciso evitar ideais que são resultado de frustrações humanas, sejam elas afetivas, intelectuais, sociais, econômicas, religiosas. A revisão dos ideais ajuda a redimensioná-los e a integrá-los no projeto de vida com grande chance de fidelidade. Os ideais continuam sendo força motivadora para o agir. Frágeis ideais podem significar que a pessoa ou os grupos tenham vivido muitas frustrações em seus ideais e abdicaram deles. Muitas pessoas e grupos apáticos e desanimados um dia foram bem idealistas e tinham grandes projetos. O que houve para que não pudessem levar adiante estes projetos e ideais?

Em vários escritos sobre vida religiosa e outras áreas, os ideais espirituais foram considerados como sendo valores. Outras áreas, sobretudo físicas, foram consideradas como necessidades. Contudo, existe valor em qualquer aspecto humano. Nada no ser humano é intrinsecamente mau enquanto estrutura. A forma de viver o conjunto e aspectos da vida pode significar e realizar a presença do mal. O valor, dentro de uma compreensão antropológica, é o desenvolvimento positivo de qualquer aspecto humano e o conjunto da vida como vida realizada, com e pelos outros em sociedades justas. Há certa hierarquia de excelência, mas que decorre da qualidade da característica humana desenvolvida. Manter ideais praticamente espirituais pode criar alguma dificuldade maior

³¹ In: Paul RICOEUR, Da Interpretação, Estudo sobre Freud.

em outras áreas e no conjunto da vida. Aspectos da vida reprimidos não significam aspectos mortos, mas potencialmente predisposições para reações negativas.

Há certa semelhança entre os desejos e os ideais. Os desejos também são forças motivadoras. Dependendo da qualidade e da intensidade dos desejos podemos compreender algo sobre a capacidade objetiva da fidelidade. Temos dois tipos básicos de desejos: uns mais antropológicos e outros mais compensatórios. Ambos são importantes para compreender a dinâmica humana, sobretudo quanto à previsibilidade e capacidade de fidelidade a promessas mais amplas e às de cada dia. Muitos desejos são despertados pelas circunstâncias a ponto de se dizer que 'criam' desejos. Esta possibilidade concretiza a diversidade e flexibilidade do ser humano.

Há os desejos que chamaria desejos antropológicos. Eles têm a ver com a constituição humana. Cada aspecto humano tem uma dinâmica inerente que deseja realização. É de máxima importância desenvolver positivamente estas potencialidades. A dinâmica que quer realização a partir do antropológico se transforma em um desejo de realização e itinerário de fidelidade porque produz equilíbrio e satisfação ao redor de uma causa importante. Por isso, um dos desafios é ter uma boa e ampla compreensão humana e assumir uma atitude positiva em relação a tudo que é humano³². A realização do humano vai depender também de outras opções complementares ou centrais que cada qual e/ou cada grupo vão realizando. O estado de vida como religioso/a é uma opção que requer um posicionamento seletivo frente a formas de desenvolvimento humano, mas nunca repressivamente de algum outro aspecto. Inclui algum tipo de renúncia, mas em benefício das opções saudáveis que as pessoas fazem.

Há também desejos que podem surgir de algum tipo de frustração no desenvolvimento das características antropológicas. São bastante frequentes e conhecidas as frustrações afetivas, o isolamento, a agressividade, a falta de liberdade, a repressão, a limitação econômica, a falta de acesso à cultura, à fé e tantas outras lacunas de desenvolvimento. Quando se fala das possíveis rupturas das promessas feitas e da não continuidade de uma fidelidade assumida, em geral se refere a algum tipo de frustração consciente ou inconsciente. Esta frustração cria insatisfação, e esta faz despertar ou desenvolver desejos de recuperação, de vingança, de agressão ou busca de outras alternativas. Em geral, cada qual está disposto a amar na medida em que foi amado. Na proporção que se sente amado, e sente satisfação na vida, nesta mesma proporção a pessoa e os grupos se sentem estimulados à fidelidade, à continuidade do itinerário de crescimento, e a fidelidade segue no tempo e na qualidade de ser. Os desejos que nascem destas frustrações se transformam em motivação e interferem em opções gerais e particulares. A maioria das frustrações começou a se estruturar na primeira infância, e atualmente estes fatos e as reações estão no inconsciente. Sabemos que algo aconteceu pelas consequências percebidas ainda hoje e que interferem no grau de liberdade efetiva. Tendo em mãos a história pessoal pode-se compreender melhor a pessoa, seus ideais, seus desejos e pode-se planejar uma forma de reelaboração para liberar a energia a serviço da dimensão imatura e colocá-la como motivação pela causa do Reino.

³² Os livros de Antropologia Filosófica e Antropologia Teológica, e a própria Bíblia oferecem compreensões antropológicas bastante amplas, completas e úteis.

Os desejos nos orientam para o interior de nós: para celebrar os aspectos positivos ou para ter aquilo que perdemos e que considerávamos importante para nossa autoestima e autovalor. Por isso sempre é saudável perguntar: o que mesmo desejo em última análise, em profundidade? Como os desejos imediatos refletem desejos mais profundos? Os desejos mais profundos são desejos antropológicos e, por isso, saudáveis. Mesmo que haja desejos de desistir de processos de fidelidade, eles indicam um itinerário de superação de algo. Os desejos mais imediatos são suscitados, planejados e buscados. E neste sentido, novamente, é muito útil avaliar as motivações profundas que despertam e alimentam nossos desejos.

4.3 Maturidade afetiva, intelectual, relacional, profissional, religiosa e a fidelidade

Podemos complementar estas considerações retomando alguns outros aspectos que têm a ver de forma direta ou indireta com a capacidade de fidelidade. Está claro que não é fiel quem quer, não persevera quem quer, mas quem pode, ou seja, além de querer é preciso ter uma maturidade suficiente e ter capacidade de fidelidade dinâmica e criativa, dentro das variáveis e diversidades que possam se apresentar.

Estamos ouvindo e constatando tantas pessoas e grupos responsabilizarem a imaturidade como causa de conflitos, de problemas de insatisfações. Papa Francisco, dirigindo-se às pessoas no matrimônio recorda esta questão que, devidamente adaptada, pode aplicar-se à vida religiosa. “Um amor frágil ou doentio, incapaz de aceitar o matrimônio como um desafio que exige lutar, renascer, reinventar-se e recomeçar sempre de novo até à morte, não pode sustentar um nível alto de compromisso. Cede à cultura do provisório que impede um processo constante de crescimento”³³. Este amor frágil e doentio se estabelece pelas experiências familiares e outras marcadas pelo desamor, ou seja, rejeição, agressão, violência, isolamento, falta de respeito, conforto e promoção. Todos nós precisamos nos defrontar com esta realidade, em qualquer estado de vida. A vida religiosa é supostamente menos disposta a aceitar os fracassos e fragilidades dos demais. A fidelidade se beneficia da aceitação, acolhida daquilo que as pessoas são para, assim, decidirem encontrar caminhos de crescimento. “É compreensível que nas famílias – e nas comunidades religiosas (grifo meu) – haja muitas dificuldades quando um dos seus membros - (ou da comunidade) – não amadureceu a sua maneira de relacionar-se porque não curou as feridas de alguma etapa de sua vida. A própria infância e a própria adolescência mal vividas são terreno fértil para crises pessoais que afetam o matrimônio (e a fidelidade na vida religiosa)”³⁴. Se todos fossem mais maduros nos aspectos principais da vida, as crises seriam menos frequentes e menos dolorosas. O papa insiste que há um grito destas dores nas etapas seguintes da vida e há uma busca de compensação. “É um amor insaciável que grita e chora quando não obtém aquilo que deseja. Outras vezes ama-se com um amor fixado na fase da adolescência, caracterizado pelo confronto, a crítica ácida, o hábito de culpar os outros, a lógica do sentimento e da fantasia pela qual os outros devem preencher os nossos vazios ou apoiar os nossos caprichos. (...) Muitos terminam a sua infância sem nunca se terem sentido amados incondicionalmente, e isto compromete a sua capacidade de confiar e entregar-se. Uma relação mal vivida com os pais e irmãos – e que nunca foi curada – reaparece e danifica a vida

³³ Papa FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia*, nº 124.

³⁴ Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, nº 239.

conjugal”³⁵, diríamos comunitária e apostólica. Estamos diante de uma realidade que desvendou mais as fragilidades humanas como fazendo parte da condição humana³⁶ e não como algo moralmente mau. Considerando a vida como uma realidade que inclui o limite, uma verdadeira antropologia do limite, pode-se entender a importância da misericórdia e estimular as pessoas à fidelidade. Dentro de um mundo exigente, aqueles que fracassam ou têm muitas dificuldades podem reativar um sentimento de culpa que desencadeia uma passividade e incapacidade de crescimento e de fidelidade.

Há certa relação entre possibilidade e capacidade de fidelidade dinâmica e criativa e o estágio de maturidade em alguns aspectos motivadores humanos significativos, como a afetividade, o conhecimento, o relacionamento, o êxito profissional, a maturidade da fé e da experiência espiritual. Não há maturidade máxima que se possa esperar. Mas há um grau mínimo esperado em determinada idade para expressar adequadamente o interior, para conviver, para definir-se num determinado estado de vida. A fidelidade ao assumido e prometido precisa ser sempre renovada de forma criativa até o final da vida. Certos desânimos prematuros, certa apatia, falta de fé apostólico indicam certa infidelidade que não se precisa qualificar como infidelidade vocacional, mas como vivência vocacional que se vai separando dos ideais e valores centrais que motivaram as opções anteriores. Há, portanto, um mínimo de maturidade que facilita opções e capacidade de mantê-las. Tenhamos presente também que a fidelidade não depende necessariamente da maturidade. Há outros aspectos que podem favorecer a fidelidade às opções feitas. Prova disso é a realidade de tantos religiosos fiéis ao longo da história cuja maturidade é questionável. No entanto, para evitar desgaste desnecessário de energia psíquica e espiritual, é desejável uma sadia e ampla maturidade em áreas fundamentais da vida humana. Pensemos, por exemplo, quanta liberdade interior existe quando há poucos conflitos afetivos, quando há uma objetividade de valores, uma sadia espiritualidade, uma capacidade apostólica gratuita! A imaturidade pode levar as pessoas a ativar seus desejos compensatórios, egoístas e a se fecharem a um mundo mais adulto que significa superação de fragilidades. Não basta maturidade afetiva. Esta precisa estar integrada numa fé e em valores apostólicos e numa causa evangélica partilhada e sustentada por uma comunidade e uma instituição.

A fidelidade é beneficiada em algumas áreas humanas nas quais a pessoa e os grupos constroem satisfação, realização, pacificação. Uma delas é a experiência humana como um todo, para tantos sintetizada como maturidade afetiva. Além desta, o acesso a um desenvolvimento da inteligência em áreas humanas significativas ajuda a ordenar a visão de mundo e a dar segurança e argumentos a favor das opções feitas. Estes conteúdos intelectuais incluem uma compreensão do mundo, da opção religiosa, do carisma, da experiência de Deus e outras similares. Uma outra área, ainda, se refere ao êxito no processo de relacionamento, ou seja, uma satisfação por se comunicar com sucesso com as pessoas, sejam elas adultos, jovens, crianças; sejam elas homens ou mulheres; sejam elas autoridade ou subalternos; sejam elas da mesma cultura ou de outra. Uma satisfação nos relacionamentos ajuda a crer no acerto das opções feitas e supera a

³⁵ Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, nº 239.240.

³⁶ Sobre a condição humana que inclui a fragilidade, veja-se Hanna ARENDT, *The Human Condition*, Illinois, the University of Chicago Press, 1958. Trad. Português: *A Condição Humana*, RJ, Forense Universitária, 2007.

insegurança que poderia fazer oscilar essas opções. Podemos incluir também a importância da maturidade espiritual. Num mundo cheio de desafios, expressões imaturas da fé, da experiência de Deus... podem abrir caminho e questionar os processos de fidelidade³⁷. Maturidade na fé fortalece a fidelidade

Algo semelhante podemos encontrar na satisfação profissional como expressão apostólica do amor. A forma do exercício da profissão expressa a qualidade do estágio de maturidade. Silvano Buralassi³⁸ expressa que as pesquisas indicam que há três crises que afetam a fidelidade da vida religiosa hoje: crise de identidade, crise de papel, crise de totalidade. a) Sobre a crise de identidade não nos deteremos aqui³⁹. b) A fidelidade tem a ver, em muitos casos, com a crise de papel, ou seja, o consagrado precisa humanizar cada vez mais sua profissão fazendo dela uma missão. “Esta identidade nova não é nada clara, pois missão e profissão podem não ser fáceis de integrar”⁴⁰. Sempre há motivações subjacentes à decisão de priorizar a profissão e ser capaz de transformá-la em missão. E isso se reflete nas opções, sobretudo quando há crise profissional, deslocamento geográfico ou outras formas de carências ou fatos. Certamente para uma fidelidade dinâmica e criativa há o desafio de transformar a profissão em missão, apesar de praticamente se falar muito de ‘missão’ educativa. c) A crise de totalidade é um desafio também à fidelidade. As pessoas, em geral, separam tempo de trabalho e tempo que dedicam à família, ao descanso, ao lazer... No caso dos religiosos, eles são religiosos todo o tempo e não podem evadir-se disso. Isso pode assustar um pouco, sobretudo os jovens, pois há desejos compensatórios estimulados pelo provisório. Todos nós nos sentimos atraídos por resultados imediatos e não conseguimos antever resultados a longo prazo. Eis porque as opções pelo imediato são mais frequentes e podem comprometer a capacidade de opções a longo prazo ou definitivas. Jesus Cristo viveu em total unidade sua vida.

5. Contexto cultural, social, religioso como predisposição para opções significativas

Todos nós temos cada vez mais consciência da importância de levar em consideração o contexto cultural, social, religioso. A partir disso podemos compreender melhor as pessoas e os grupos, e ver como se situa dentro deste complexo de variáveis a questão da fidelidade. Quando falamos disso, logo nos vem à mente a questão do provisório, do descartável⁴¹. Não podemos negar as influências de modelos externos como referenciais para nossos modelos internos de ver e de tomar decisões. Não podemos refugiar-nos atrás destas afirmações para justificar nossa falta de capacidade para viver com

³⁷ A psicanálise tem isso muito presente. São muito iluminadores, neste sentido, os escritos de Carlos Domínguez Morano, especialmente *Orar depois de Freud e Crer depois de Freud*.

³⁸ In: Dicionário de Pastoral Vocacional, p 511-512.

³⁹ Sobre este aspecto são úteis as contribuições de Eric Erikson e também de Paul Ricoeur. Ricoeur distingue a identidade idem e a identidade ipse, ou seja, algo estável e contínuo e algo que é o descontínuo, mas tornado contínuo pelas nossas opções e decisões. A identidade ipse inclui a capacidade de promessa, de compromissos estáveis, como são os que estamos considerando. São úteis, os livros de Ricoeur *Percurso do Reconhecimento, O si mesmo como um outro*. Também, *L'io dell'altro*, a cura de Attilio Danese.

⁴⁰ Buralassi, in Dicionário de Pastoral Vocacional, p 512.

⁴¹ É de grande ajuda a explicitação desta situação nova que abarca todos os setores da vida, com mudança de paradigmas, de aspectos morais, de visão histórica, de liberação da repressão cultural, religiosa e política. Todos sabemos as consequências da contribuição de Zygmunt Bauman, especialmente em: *Vida líquida, Medo líquido, Tempos líquidos, Vida para Consumo, Vida em fragmentos e tantos outros*.

consciência e objetividade tudo o que somos e decidimos. Estamos diante de uma mudança de um mundo mais estático para um mais dinâmico. Se o modelo do provisório é muito difundido, as opções de fidelidade e de continuidade e duração podem ser afetadas. Fidelidade e “votos perpétuos hoje é uma ação contracultural”⁴². Convém recordar que as realidades do amor são traços de eternidade e sempre queremos vivê-las nesta dimensão. É bom recordar também que a mentalidade de tudo mudar e ser provisório não é generalizada para toda humanidade e para todas as culturas. Muitas vezes se presta mais atenção aos fatos sem olhar a busca de sentido profundo para a vida que está por trás das oscilações e reações mais superficiais e momentâneas.

Uma das etapas da vida na qual se faz sentir mais a mudança é a da juventude. Ela não é uma etapa final do desenvolvimento humano. Todos os sistemas sociais e ideologias valorizam em seu alvo a juventude e nela difundir suas realidades novas. Os jovens tendem a aceitar e experimentar o novo. Se a cultura favorece a mudança, isso vai facilitar adesões, fortalecimento da autoimagem e da identidade.

Hoje em dia se fala muito em juventudes e não em juventude, seja nos meios de comunicação social, nas análises sociológicas e religiosas. Com isso se recorda a diferença e diversidade cultural e existencial dos jovens. Muitos grupos juvenis se caracterizam por associar-se pela semelhança de valores, de ideais, de processos humanizantes. Outros se associam para manifestar sua especificidade, sua insatisfação, sua fragilidade, suas buscas de sentido⁴³. Esta diversidade de juventudes precisa ser considerada e compreendida em profundidade e com muita solicitude ao tratar da questão da fidelidade, da continuidade no tempo de promessas e compromissos assumidos anteriormente. Numa época e fase da vida na qual o centro está na dimensão material e psíquica, sempre é beneficiada a temporalidade, a precariedade, o passageiro. Quando se valoriza mais a dimensão espiritual entra-se na dimensão de eternidade. Hoje é preciso garantir que a dimensão de eternidade seja valorizada, recuperada e estruturada. Assim podemos consolidar a dimensão da fidelidade no tempo a compromissos e promessas feitas. Javier Melloni afirma esta questão geral da estrutura humana. Somos muito mais que uma identidade psíquica e corporal. “Não creio nem que minha identidade psíquica nem meu corpo sejam o que eu sou. Sou muito mais que isso”⁴⁴.

A mudança e o fascínio do provisório podem indicar certa insatisfação da qual as pessoas querem fugir e superar. Há algo profundo que se procura sempre e que é mais estável. Papa Francisco expressou-o dizendo que ‘o tempo é superior ao espaço’⁴⁵. Não basta controlar as pessoas em seus detalhes comportamentais nem ter práticas repressivas para evitar problemas. Como diz o papa: “É importante procurar compreender onde (não geográfico, mas existencial *) estão os filhos – religiosos – em seu caminho.

⁴² William Sneek, *Reasons for departure from the Noviciate*, p 5.

⁴³ Em vez de assumir questões de idade ou outras, os grupos assumem mais ‘campos de significação’ para se reconhecerem e associarem. Todos nós podemos facilmente ter acesso a estudos e bibliografia referentes às ‘culturas juvenis’. O conhecimento desta especificidade múltipla da juventude ajuda compreender a complexidade envolvida na opção pela vida religiosa, bem como pela capacidade real de manter as promessas assumidas. Um texto iluminador podemos encontrar em **Rossana Reguillo Cruz, *Emergencia de Culturas Juveniles***, Bogotá, Grupo Editorial Norma, 2007.

⁴⁴ In: Javier Melloni e José Cobo. ***Dios sin Dios, Una confrontación***, Barcelona, Fragmenta Editorial, 2015, p 86.

⁴⁵ Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, nº 261.

Sabemos realmente onde está sua alma, e queremos saber?”⁴⁶. Algo semelhante interessa a nós, quanto à fidelidade: o que os religiosos realmente querem e o que estão fazendo com sua vida olhada como uma missão e uma vocação a amar, especialmente aos mais necessitados?

A realidade atual privilegiou alguma consciência maior em aspectos humanos antes não suficientemente contemplados pela cultura. E isso tem seu reflexo positivo na compreensão da fidelidade, da estabilidade. Alguns destes aspectos repercutem na compreensão dos compromissos, inclusive aqueles que decorrem das opções pelo estado de vida. Pascual Chavez Villanueva⁴⁷ considera a fidelidade como uma profecia antropológica na pós-modernidade, mas recorda a especificidade de nossa época como caracterizada pela historicidade como horizonte e caminho da realização humana. Isso repercutiu na educação, na formação vista como permanente. De uma visão mais passiva se passa a uma mais dinâmica. Ainda mais, a liberdade se transformou no valor supremo da realização humana, ao redor da qual as pessoas organizam seus valores, sabendo-se da ambiguidade prática inerente à limitada liberdade efetiva. É saudável, inclusive, que a realidade atual olhe menos para o passado do que para o futuro. O Reino de Deus sempre nos foi apresentado como ‘já e ainda não’, um projeto humanizante de futuro.

Maior acesso ao mundo pelos Meios de Comunicação Social, maior conhecimento das culturas, da realidade econômica, tecnológica, das facilidades... tudo faz despertar desejos cuja realização é significativa para a autoestima. Isso questiona os religiosos em aspectos de pobreza, de experiências afetivas – castidade -, de liberdade – obediência. Quanto mais intenso for o desejo, maior será a força sobre decisões realizadas, sobretudo quando incluem a possibilidade de não realizar todos os desejos imediatos. A fidelidade aos compromissos e promessas realizadas pode ser vista como um obstáculo. É muito difícil uma pessoa abrir mão de compensações quando estão intimamente ligadas à autoestima e autorrespeito e autovalor e são consideradas decisivas para alcançar os objetivos de sua vida. As instituições religiosas precisam oportunizar experiências que asseguram a seus integrantes a felicidade, a realização, o amor... para além de gratificações imediatas. Estas experiências estão ligadas a projetos apostólicos significativos e motivadores. Mais adiante retornaremos a esta ideia.

6. Facilitadores da fidelidade dinâmica e criativa

Vamos assumindo que a dinâmica da fidelidade é uma das mais complexas e profundas como capacidade e desejo humano. A mudança permanente de compromissos assumidos pode indicar insatisfação interior e falta de uma resposta adequada às perguntas existenciais que as pessoas se fazem. Pode indicar falta de uma segura identidade e representar certa ‘adolescência’ por carecer de opções mais seguras e consistentes. Considerado assim, o humano mais humano se expressa na fidelidade e não na mudança ou na não fidelidade. Contudo, a fidelidade não é um determinismo biológico como podemos encontrar em certas espécies animais. A fidelidade é resultante do exercício da liberdade e da responsabilidade, feita por pessoas cuja estrutura seja bastante sólida

⁴⁶ Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, nº 261. * Observação minha.

⁴⁷ Pascual C. Villanueva. *Fidelidad, fuente de vida plena...* in: Para una Vida Consagrada Fiel, UISG, 67º Conventus semestralis, Roma (2006?) p 9-19.

para garantir certa estabilidade que se mantém dentro de um mundo de tantas situações imprevisíveis. A fidelidade é possível e é dinâmica, renovada sempre a partir da integração de realidades novas. Também é criativa no sentido de desencadear formas de fidelidade adequadas em cada fase da vida e em cada situação nova que se apresenta, especialmente em novas formas de missão e expressão do amor de Deus e de seu Reino. Até certo ponto é uma espécie de aventura da qual podemos sair vitoriosos.

Em se tratando da fidelidade, pode ser que sejamos tentados a logo olhar as infidelidades. Se a fidelidade não é determinismo, precisamos ajudar as pessoas a serem fiéis. Lastimável seria generalizar a ideia de que é 'normal' a desistência, a mudança... Recordemos como na vida familiar e em outros campos é ressentida a infidelidade, a 'traição' com suas consequências nefastas. A fidelidade pode ser facilitada considerando três dimensões significativas da vida humana: pessoal, comunitária e institucional. O equilíbrio dialético entre elas e a realização significativa das mesmas pode facilitar as pessoas a quererem continuar empenhando sua vida numa causa evangélica.

6.1 Dimensão pessoal: discernimento; integração da história, cultura e vida; valores transcendentais; identidade unificadora e experiência de intimidade com Deus, vivida em comunidade para a missão

A fidelidade é facilitada a partir de alguns aspectos pessoais. Algumas pessoas fazem a opção de fidelidade e compromissos de vida religiosa pensando ser esta a vontade de Deus em relação a elas. Claro, as opções pela verdade interior são um caminho aberto para sentir satisfação e felicidade nas opções feitas. Hoje temos bons métodos científicos espirituais e psicológicos para saber esta verdade pessoal no que se refere ao tipo de amor e ao lugar e com quem vai expressar e desenvolver o amor. Ainda não socializamos suficientemente estes métodos. Alguns destes métodos nós os conhecemos⁴⁸.

Pensamos que as motivações conscientes sejam as decisivas, mas nem sempre é assim. Precisamos admitir que a pessoa está ontologicamente voltada ao bem, à verdade, ao belo e ao amor. Esta orientação se expressa no inconsciente e no consciente, ou seja, as motivações conscientes podem indicar um caminho de verdade pelo qual a pessoa e os grupos precisam zelar e cultivar. A questão do discernimento pelo estado de vida e para todas as situações significativas da pessoa é um passo importante. Uma vez sabida a vontade de Deus ainda não está assegurada automaticamente a capacidade de seguimento. Ajudar as pessoas a seguir e permanentemente favorecer a fidelidade é uma tarefa que dura toda a vida. A primeira responsabilidade desta fidelidade é da própria pessoa e, depois, dos mais próximos, da comunidade e da instituição.

Um segundo elemento facilitador da fidelidade consiste na integração da própria história, da cultura e da vida. Esta integração da própria história requer o seguimento de alguns passos sequenciais. O primeiro deles consiste em conhecer a história, a cultura, os fatos, as circunstâncias que no momento podem estar grandemente no inconsciente. Conhecer a história permite uma interpretação mais qualitativa. Esta abre a possibilidade de compreensão das pessoas intervenientes, das circunstâncias, das consequências e capacidades amplas diante da vida. A compreensão abre a realidade para

⁴⁸ Certamente conhecemos o método iniciano de discernimento. Também métodos de acesso direto ao inconsciente são bons para tal. L.M. Rulla (em *Antropologia da Vocação Cristã*) fala da afinidade entre os valores da pessoa e os valores cristãos. Mas, recorda Rulla, é preciso também afinidade entre o que a pessoa quer para si, os valores cristãos, e o restante profundo – inconsciente – da pessoa.

âmbitos mais amplos e mais profundos. Com esta compreensão ampla as pessoas podem colocar-se num processo qualitativo de crescimento. Este caminho de crescimento vai exigir uma separação efetiva e afetiva do passado que já não existe e que, sobretudo, feriu. Uma boa compreensão permite uma reconciliação e uma misericórdia acolhidas. Ao mesmo tempo, o acesso à história oportuniza celebrar as coisas saudáveis da vida. E teremos, como resultado, uma memória feliz e reconciliada. Assim a pessoa se liberta de compensações, de subjetivismos e pode saber melhor a vontade de Deus. Também está disposta a usar sua energia pela causa do amor e do Reino de Deus. Este processo facilita muito a capacidade da fidelidade dinâmica e criativa.

Os valores são força de atração e têm seu impacto positivo na motivação. Os valores têm uma dimensão afetiva, cognitiva e comportamental. Por isso eles suscitam emoções, e as pessoas se envolvem. Ninguém morre por ideias, mas por princípios religiosos pode estar disposto a morrer, se estes forem suficientemente significativos. Atração e certo fascínio por bons valores transcendentais melhoram a motivação de indivíduos e de grupos. Os valores transcendentais por si só não mantêm uma fidelidade quando o restante da pessoa não estiver em consonância. Mas podem sustentá-la bastante em momentos e situações difíceis.

Há muitos estudos sobre a identidade, e todos temos alguma noção do que se trata. A satisfação que as pessoas experimentam quando solidificaram uma boa identidade é grande indicador de possibilidade de fidelidade. Uma identidade que integra o passado e mantém a unidade nas diferentes experiências feitas ao longo da vida, incluindo a decisão de escolher e de prometer um tipo de continuidade significativa. Já o acenamos acima: numa época de grandes mudanças o fator da identidade que vai cada dia integrando elementos novos assume um desafio e também uma importância na capacidade de fidelidade. Quanto mais frágil uma pessoa for, mais vai depender da identidade do grupo, da identidade social. Quanto mais forte for a pessoa, pode associar-se e comprometer-se com grupos identitários de forma mais madura e significativa. A conexão entre boa identidade pessoal e a identificação e associação a grupos que expressam e fortificam a identidade pessoal aumentam a autoestima, tornam mais eficaz a atividade e a missão apostólica e, conseqüentemente, favorecem a fidelidade. O estímulo proveniente da qualidade moral da instituição fortalece o crescimento integral, produz satisfação e realização e ajuda a manter a pessoa aberta ao amor mais amplo, à dimensão transcendente e aos compromissos assumidos.

A esta experiência de identidade está ligada uma boa experiência de intimidade. Os relatos de experiências místicas insistem na intimidade com Deus como expressão do amor e da comunicação profunda de máxima aceitação, sentido, plenitude. Muitos falam da dimensão de eternidade desta experiência da qual não gostariam mais de sair. É a experiência da união, a qual desencadeia confiança, disposição a amar. Walter Schubart⁴⁹ fala que a nostalgia da união é a maior nostalgia e se origina da união com Deus no início da vida, realizada e simbolizada pela união com a mãe no período da vida intrauterina. Há uma tendência de querer eternizar esta experiência pois ela plenifica e realiza o ser humano. Esta mesma experiência de intimidade é muito significativa na comunicação humana. E ela é mais autêntica quanto mais coroar uma ótima experiência de identidade. Só se entrega na intimidade quem se possui profundamente a si

⁴⁹ Walter Schubart, Eros e Religião.

mesmo⁵⁰. Boas experiências humanas de intimidade, sobretudo com pessoas que realizam a mesma opção e se engajam cada dia criativamente nela, facilitam a fidelidade e o desejo de eternizar o que se vive. Sabe-se que corresponde à verdade interior e se está disposto a aprofundá-la cada vez mais. A qualidade da oração é determinante: a experiência de identificação, seguimento e união com Cristo e com sua causa são fonte de vida e de alegria. Todas as pessoas procuram a experiência da intimidade. Onde a encontram? Em algum lugar e situação, mesmo que isso signifique sacrifício, busca, deslocamento geográfico e existencial.

Hoje, sobretudo num mundo ‘líquido’ pode ser mais difícil a experiência da intimidade, mas isso não diz que podemos dispensá-la. Ao contrário: dela precisamos porque sentimos a dissonância presente em nossa vida, e os processos dialéticos vividos requerem permanente equilíbrio ou reequilíbrio. A fidelidade ao projeto de vida assumido se fortalece com repetidas e aprofundadas experiências de intimidade com Deus, vividas e partilhadas numa comunidade também engajada na missão salvífica comum.

A experiência de realização pessoal, os valores assumidos, a experiência de intimidade com outras pessoas e com Deus se confirma com um desempenho qualitativo de uma missão, de uma presença significativa e competente na sociedade. A pessoa, especialmente o religioso, precisa dedicar bom tempo à missão e encontrar ali estímulos de fortalecimento de sua opção de vida e confirmar a unidade ampla de sua vida. A missão expressa uma das grandes características humanas. “O centro do homem se encontra fora do homem. Creio que esta é a experiência nuclear, da existência humana como tal. Quem crê que o centro é ele mesmo, simplesmente se engana”⁵¹. A profissão vivida como missão expressa esta saída de si mesmo como compromisso com o Reino de Deus. A fidelidade se beneficia com este centro apostólico colocado fora da pessoa. Sabemos que isso é facilitado quando há antes boa unidade interior e satisfação pela opção realizada.

6.2 Dimensão comunitária: fraternidade, diálogo, partilha, confiança

Houve um deslocamento do polo motivador nos últimos anos. Sabemos que tudo o que se vive direta ou indiretamente interfere no complexo de motivações que predis põem e levam à ação. Dentro de uma visão mais consciente, as motivações provindas de ideais, de conhecimentos, de estímulos da vontade foram consideradas decisivas. Hoje, com uma compreensão mais ampla da vida humana e das dimensões consciente e inconsciente, a dimensão afetiva e relacional assumiu papel mais central. As emoções são mais passageiras e, num mundo mais imediato, os sentimentos aumentam sua importância nos critérios de tomar decisões. As pessoas tendem a decidir a partir de como se sentem internamente e de como se sentem acolhidas pelos demais. Por isso, sentindo-se bem a tendência é continuar; e sentindo-se mal, rejeitado, isolado, agredido... a tendência é romper compromissos e procurar respostas mais satisfatórias em outros lugares e com outras pessoas. Neste sentido aparece a importância da comunidade. É preciso facilitar que as pessoas se sintam acolhidas, compreendidas e ajudadas em seu

⁵⁰ Jane Loevinger, Ego Development Theory. Ali Loevinger afirma que quem não se possui não se entrega, referindo-se a esta dinâmica sequencial de identidade como caminho de intimidade, e posterior caminho de generatividade, como também diria Erikson.

⁵¹ José Cobo, in: Javier Melloni, José Cobo. *Dios sin Dios, Una confrontación*, Barcelona, Fragmenta Editorial, 2015, p 116.

projeto de vida e sejam estimuladas comunitariamente a assumir os projetos mútuos. A dimensão comunitária se tornou uma das variáveis importantes naquilo que se refere à capacidade e ao estímulo da fidelidade. Clima de não julgamento, de misericórdia, de partilha, de diálogo, de colaboração mútua, de confiança são um ambiente favorável à fidelidade. Assim se fomenta a experiência de intimidade entre pessoas e com Deus, e aumenta a disposição e eficácia apostólica. Nunca esgotamos nossa capacidade comunitária, e a vida comunitária se recria sempre especialmente pela presença de realidades novas como fatos e experiências com os membros da comunidade, com outros membros que se integram, com as experiências apostólicas.

Cada pessoa tem um desejo profundo de partilhar sua história, seus medos, sucessos, projetos - de curto, médio e longo prazos -, suas forças, suas descobertas, seus avanços no crescimento e identidade, seus desafios e situações novas do dia a dia. É muito importante que empaticamente os demais participem da vida de cada um naquilo que tem de mais particular seu. Todos conhecemos os efeitos nefastos de julgamentos, críticas, amarguras, isolamentos, rejeições e outras formas que distanciam as pessoas e reativam nelas a parte mais ferida. Se estas situações negativas persistirem por longo tempo, as pessoas tendem a desanimar, se fechar e procurar outras alternativas, inclusive fora da comunidade, e podem acabar comprometendo seu estado de vida.

6.3. Dimensão institucional: projeto apostólico atrativo

Estivemos considerando os facilitadores da fidelidade. Ocupamo-nos primeiro da dimensão pessoal, depois da comunitária. Podemos concluir esta sessão de iluminação sobre o tema considerando a dimensão institucional. Evidentemente, não se esgotam nestes aspectos os facilitadores da fidelidade. Cada qual está convidado a completar, a partir de sua experiência direta ou indireta, os aspectos que contribuem com a fidelidade.

Quanto mais complexa for a realidade, mais tende a desequilibrar as pessoas e os grupos. As pessoas precisam muito do suporte da instituição ampla à qual pertencem, como a Congregação religiosa ou outra. Certas pessoas podem se sentir atraídas a entrar em instituições fortes porque elas se sentem fracas e incapazes de enfrentar a vida. E nas instituições podem encontrar poder, prestígio e segurança econômica. Todos sabemos que estas motivações não são saudáveis. Mas pode também muito bem alguém encontrar uma correspondência entre seu ideal pessoal e o ideal de uma instituição em seu carisma, espiritualidade, vivência e apostolado. Na medida em que a instituição oferece um projeto de vida estimulante, atrativo enquanto organização interna, enquanto vivência de seus integrantes, enquanto projeto apostólico significativo... nesta mesma medida as pessoas se sentem honradas por pertencer e participar da realização do projeto institucional. "O projeto comum envolve e unifica pessoas, comunidades, províncias. Também ajuda o conhecimento mútuo, a participação em encontros, a valorização da história pessoal e institucional"⁵². Isto honra as pessoas que estão integradas no projeto comum. Este 'honradas' reforça sua autoestima e corresponde ao que desejam para si, e se sentem estimuladas a continuar, a serem fiéis e a ajudarem na realização destes projetos. Hoje, bons projetos apostólicos, claros, desafiadores e empenhativos facilitam a fidelidade porque estimulam as experiências boas que cada qual quer conservar, renovar e fortalecer.

⁵² Cereda, Francesco. *Busca de sinais de vitalidade na vida consagrada*, in: Fidelidad y abandonos... p 75.

7. Compreendendo melhor algumas desistências do projeto prometido: questões estruturais internas e externas; a questão da proporcionalidade

Até aqui consideramos predominantemente a questão da fidelidade, pois esta realmente nos interessa mais. Mas precisamos também ser realistas diante das desistências do projeto de vida religioso assumido como estado de vida por parte de tantos religiosos. A opção pelo celibato evangélico e seu seguimento criativo e fiel não é apenas uma questão de decisão consciente. Não basta querer para seguir. É preciso também poder seguir não somente na hora da decisão, mas no itinerário histórico que segue. Desistências de projetos sempre houve na história. Desistências menores todos experimentamos no decorrer da vida. Muitos desistem de amplos projetos que envolvem toda a vida no sentido de toda a pessoa e de todo o percurso. Diante de dificuldades, todos nós podemos ter tido vontade de desistir do caminho e da opção realizada. Por razões diversas, podemos continuar assumindo o projeto de vida assumido. Contudo, é possível também permanecer por razões saudáveis ou por medos, comodismos e situações compensatórias. Podemos continuar também porque nossas opções respondem ao mais profundo de nós mesmos. Um profundo discernimento pode também chegar à conclusão de que as pessoas possam pensar que este é seu caminho mas não é. E a reopção é uma opção pelo mais verdadeiro que existe na pessoa. “Deus conduz tão pessoalmente cada pessoa que generosidade e amor possam ser expressos em tantas diferentes formas”⁵³.

Esta mesma realidade – com suas devidas adaptações – se encontra em outros estados de vida. Até convém recordar que a Igreja sempre teve posição intransigente quanto à fidelidade no matrimônio ‘indissolúvel’, mas foi mais tolerante com os religiosos. Os processos de dispensa remontam a séculos. Até a estrutura de votos temporários e perpétuos pode ser de alguma forma questionada dentro da perspectiva de fidelidade. Há muitos fatores, como vimos acima, que interferem na opção de uma pessoa e que a sustentam. Alguns podem até ser inconscientes e fora do domínio da vontade psíquica e espiritual conscientes. Já falamos da maturidade afetiva como importante. É aquela que hoje assume uma importância acentuada. Mas há também situações imprevistas com as quais a pessoa não tem condições de se defrontar com sucesso. Seus mecanismos de enfrentamento podem ser frágeis, sobretudo diante de situações novas, complexas e acima de suas possibilidades reais. Este aspecto precisa ser levado em consideração dentro do complexo das opções pelo estado de vida. Precisamos valorizar tudo que pode intervir na motivação ao agir. E se interfere todo o vivido no passado e antecipado nos ideais em relação ao futuro, uma causa unifatorial ou simples pode indicar uma verdade parcial, e também certa ingenuidade ou superficialidade. Muito se tem pensado que desistências estejam ligadas à falta de oração. Apesar de ter elementos de verdade, esta falta de oração e de vida espiritual profunda é um sintoma de muitas outras potencialidades humanas que podem não estar em consonância com a opção pelo estado vida. Também é verdade que a capacidade de rezar é um aprendizado que precisa ser bem realizado.

Já assinalamos a importância do processo de crescimento e da integração da realidade histórica; falamos da importância de viver bem cada etapa da vida e passar com certa segurança à etapa seguinte com suas características e exigências; vimos também

⁵³ William J. Sneck, *Reasons for departure from Noviciate*, p 3.

a força motivacional que os conteúdos conscientes e inconscientes representam; não deixamos também de mencionar a importância da realidade comunitária e institucional. Independentemente, nunca se tem domínio pleno da realidade interna e externa, dos desafios exagerados provindos de surpresas culturais ou sociais. Falta de apoio comunitário e institucional aliado a uma desproporção e falta de gradualidade nos compromissos pode aumentar a ansiedade, aumentar a probabilidade de fracassos. Algumas pessoas não têm estrutura para levar adiante certos projetos. Por mais esforço que façam, sempre permanece certa insatisfação, falta de paz⁵⁴. Sempre é bom ver se a pessoa encontrou alegria e paz em suas opções. Diante de situações difíceis de compreender amplamente, a pessoa pode acabar desistindo de seu projeto. Não podemos aceitar que a desistência de um projeto existencial seja algo normal, simples e imediato. Anos e anos as pessoas vêm se debatendo diante de questionamentos, dificuldades e alternativas, mesmo que não o manifestem, ou o manifestam quando já não há retorno ou há outros compromissos de vida que inviabilizam a continuidade. Antes de decisões desta importância as pessoas lutaram muito, viveram inseguranças, buscaram alternativas. Esta decisão de mudar de estado de vida gera sofrimento, mesmo que em alguns casos produza senso de libertação. Até pode ser positivo para certas pessoas reoptarem para diminuir ansiedade, tensão e mesmo angústia resultantes das exigências e da frágil capacidade de corresponder a elas.

São iluminadores os estudos referentes ao tema das desistências. Faremos alusão aos mesmos, ainda que relativizando seu valor científico pois falta-lhes um método mais estrutural de pesquisa. Luís Oviedo⁵⁵ fez uma útil classificação dos dados referentes a abandonos, a partir de dados coletados em todo o mundo. Enumera como razões de abandono: conflitos com os superiores (17,1%), crises de fé (5,4%), problemas afetivos (43,3%), imaturidade (21,3%), problemas psicológicos (21,0%), insatisfação e cansaço (28,6%), outros (22,7%). Pode-se notar a dominância do problema afetivo, ou mesmo afetivo-sexual com suas diferentes manifestações. Sempre é importante valorizar a realidade simbólica da afetividade e sexualidade. A sexualidade é ubíqua e plástica. Isso quer dizer que em todas as experiências humanas aparecem detalhes e modos e ideais que decorrem da identidade de gênero, muitos deles explicitados e definidos pela cultura. Os estudos da psicologia do profundo insistem na plasticidade da sexualidade, o que se poderia aplicar também a outras áreas significativas da expressão humana. Isso quer dizer que qualquer aspecto humano vai se expressar na forma de viver a sexualidade, incluída a dimensão de genitalidade. Aspectos imaturos podem se expressar na sexualidade e também a pessoa pode procurar na sexualidade genital a superação ou compensação de aspectos imaturos. A uma sexualidade pouco integrada e a afetos feridos podem subjazer sentimentos de inferioridade, de solidão, de falta de identidade, de agressividade, de ansiedade diante de dificuldades atuais ou futuras, de ambientes hostis, de falta de satisfação na vida, de inseguranças diante do futuro, de dominação, reforçados por comunidades pouco acolhedoras, pouco compreensivas. Como já afirmamos acima, a pessoa precisa encontrar satisfação para viver. Se não encontra, pode querer encontrá-la na busca de intimidade, acolhida e satisfação com pessoas que podem

⁵⁴ É de grande utilidade a reflexão que faz William J Sneek, SJ, em *Reasons for departure from the Noviciate*, in: *Human Development*, vol 7, nº3, 1986, p 3.

⁵⁵ Luís Oviedo, *Aproximação à realidade dos abandonos*, in: *Fidelidad y abandonos...* p 48-57. De alguma forma estes dados foram confirmados pelos Provinciais dos Irmãos de La Salle reunidos em Roma em inícios de junho de 2016, quando também se manifestaram sobre este tema.

não pertencer à comunidade religiosa e que não assumiram a mesma causa e valores. Recordemos também que hoje as alternativas de relacionamentos sociais abriram bem mais possibilidades e opções, o que pode ser um estímulo para diversificar os relacionamentos, muitos deles motivados por gratificações, mas também por busca de realização da dimensão sadia da pessoa. Um acompanhamento mais integral leva em consideração esta complexa realidade.

No entanto, de alguma forma todas as causas que poderiam estar presentes nas motivações para desistências podem ser entendidos como manifestação de certa imaturidade em várias áreas não suficientemente consideradas nem superadas. Também vamos aceitar que as pessoas certamente tiveram boa vontade em seu processo, mas a metodologia ou outros fatores não resultaram na integração e superação de aspectos dissonantes com a opção pelo estado de vida religioso. Um religioso/a que queira continuar na vida religiosa, mas está apaixonado/a ou envolvido com uma outra pessoa, este fato pode indicar que a vocação existe, mas há questões afetivas que dificultam a fidelidade. Ou seja, não se pode 'a priori' concluir que isto é um sinal de falta de vocação. Muitas vezes as pessoas entram predominantemente por razões conscientes – valores – e desistem por razões inconscientes, também presentes ao ingressar na vida religiosa, mas não suficientemente consideradas. As pessoas quando ingressam na vida religiosa – além de querer servir a Deus e seu Reino – também querem crescer e resolver alguns problemas afetivos e existenciais. Dito isso, parece que a melhor alternativa seja ajudar a pessoa a superar aspectos imaturos de sua vida e encontrar formas maduras de expressar a afetividade dentro da opção de vida assumida. Como ainda observa Oviedo⁵⁶: isso nos leva a repensar um pouco mais o processo de identificação com o instituto e o projeto evangélico, a forma de uma espiritualidade mais afetiva, a qualidade dos relacionamentos e amizades. Convém recordar que as causas de desistência não são simples nem mesmo todas explicadas pela pessoa envolvida⁵⁷. Pode-se compreender algo melhor tomando cada caso dentro da realidade pessoal e de seu itinerário posterior. Tudo tem uma explicação no interior da pessoa. Basta não desistir antes de chegar a ela. Esta explicação é facilitada por meios mais eficientes de acesso ao interior da pessoa, sejam eles de natureza espiritual ou psicológica. Eis um grande desafio. Tudo o que ajuda a compreender as pessoas e suas motivações e opções precisa ser encorajado.

8. Fidelidade dinâmica e criativa e acompanhamento

Todos os aspectos descritos acima fazem parte de algum tipo de acompanhamento. Quando se vive em comunidade aparece também algum tipo de compromisso mútuo. Dentro da variedade de responsabilidades, papéis sociais e comunitários podemos reconhecer que o itinerário de vida é facilitado quando há um cuidado, um zelo e uma acolhida e atenção mútuas. Quanto mais complexa for a realidade e quanto mais mudanças houver, mais as pessoas podem ter dificuldade de gerir sua vida e são mais vulneráveis diante dos desafios. O acompanhamento é um dos melhores meios que podem facilitar a fidelidade ao itinerário de vida assumido⁵⁸.

⁵⁶ Luís Oviedo, *Aproximação à realidade dos abandonos...* p 68.

⁵⁷ Um bom discernimento pode ajudar a esclarecer estas questões. O discernimento é um primeiro passo, mas ele se esclarece muito após um itinerário de crescimento pessoal realizado.

⁵⁸ Não é aqui que vamos desenvolver este tema importante. Limitar-nos-emos a algumas ideias que considero importantes. Sobre este tema se está escrevendo mais e de forma complementar valorizando esta

8.1 Fidelidade como itinerário

A fidelidade é a somatória de pequenas e grandes fidelidades ao redor de uma opção de vida. A dinamicidade da vida faz com que a fidelidade não tenha um ponto final após o qual tudo está garantido. Se é possível sucumbir às fragilidades na vida, a fidelidade é um itinerário positivo de expressão da vida realizada. Como no acompanhamento, a fidelidade é de primeira responsabilidade da pessoa que faz suas opções no decorrer da vida. Mas ela é sustentada por uma comunidade e por uma causa expressa em determinada instituição. Quanto mais significativa for a própria vida, quanto mais for confirmada e sustentada pela comunidade, e quanto mais atrativa for a instituição e seu projeto apostólico, mais elementos a pessoa tem para prosseguir seu itinerário. Hoje há muitos sinais de fidelidade dinâmica e criativa que nos podem estimular⁵⁹: Há maior sentido de Igreja, de diálogo com a cultura; há certo equilíbrio na formação e espiritualidade renovada e outras tantas mais. Ajuda a fidelidade o fato de tomar os meios para que a primazia de Deus seja efetiva, que o testemunho possa ser profético. É também positivo o conceito de que a formação seja sempre mais integral e permanente numa metodologia de personalização.

8.2 Acompanhamento como cuidado, corresponsabilidade comunitária e institucional

Pessoas sadias, comunidades realizadas e apostólicas, instituições saudáveis, vivas e apostólicas expressam esta positividade acompanhando os itinerários de todos os que estão ou vão pertencer a elas, especialmente em relação aos mais vulneráveis.

Acompanhamento se refere a esta atenção aos demais em todos os aspectos humanos centrais. Acompanha o processo de crescimento físico, psíquico e espiritual; acompanha o processo de socialização e as escolhas básicas na vida como opção fundamental e como profissão-missão; acompanha o processo de crescimento amplo, especialmente nas áreas da opção de estado de vida, ou seja, na vida espiritual, comunitária, missão, votos; acompanha especialmente em momentos mais delicados internos e externos; acompanha o processo de crescimento integral, evitando infantilismo ou omissão; acompanha a superação das feridas da vida e apresenta alternativas de reconciliação e pacificação; acompanha e estimula a criatividade e a solicitude para com outras pessoas; acompanha a solidificação das opções de vida realizadas e facilita o caminho da fidelidade e perseverança.

O acompanhamento acontece em todas as experiências comunitárias, nos relacionamentos com os diversos e diferentes grupos humanos, com superiores e subalternos, com todos os que nos são confiados. Realiza-se na forma de entrevistas, reuniões, estudos, retiros, trabalhos apostólicos, encontro com pessoas significativas e outras formas mais.

8.3 A fidelidade dinâmica e criativa como expressão salvífica e de amor apostólico

forma de corresponsabilidade. Eu pessoalmente refleti mais extensamente este tema, e estas reflexões estão disponíveis.

⁵⁹ Cereda, Francesco, *Busca de sinais...* p 75-91.

Quando as pessoas e grupos experimentam a salvação tendem a entrar num processo de fidelidade. Pessoas com boas experiências de amor, de intimidade e de união com Deus, com a comunidade e com as pessoas que servem, estas pessoas têm mais capacidade de dizer um 'sim' e permanecer fiel a ele. A história se constrói principalmente a partir de 'sins'. Certos 'nãos' têm ajudado pouco a humanidade. A fidelidade dinâmica e criativa é desejada na humanidade, sobretudo quando expressa autonomia, liberdade, responsabilidade, uma vida feliz e realizada. Em quase todas as desistências têm algum tipo de dor, de sofrimento, de sensação de fracasso. Evidentemente, há casos em que desistências significam libertação de sistemas repressivos e regressivos. Contudo, somos feitos para a fidelidade como estrutura ontológica e como expressão do amor à semelhança do amor fiel de Deus. Desta forma, educar ao amor é o grande segredo da fidelidade. Também um grande amor tem força apostólica e faz outras pessoas participarem da salvação. Esta experiência partilhada reforça, por sua vez, a fidelidade e é incentivo ao crescimento no amor e na fidelidade. Há instituições e comunidades que estimulam a fidelidade; outras são um obstáculo por sua forma concreta de viver e relacionar.

9. Algumas indicações processuais

Antes de concluir convém manter a convicção que, em princípio, a fidelidade expressa mais verdade do que a infidelidade. A infidelidade sempre causa um certo mal-estar. A fidelidade produz confiança, segurança, estímulo, apoio, liberdade e uso de energias para a construção do Reino de Deus. A fidelidade dinâmica e criativa se beneficia com um processo de acompanhamento, com uma ajuda personalizada, com desenvolvimento da parte saudável das pessoas, com apresentação de ideais desafiadores de natureza social e espiritual, com uma identificação e assunção de um projeto salvífico também assumido por outros e que seja objetivamente importante e consistente. Faremos ainda algumas observações úteis dentro deste nosso tema, como segue.

9.1 Fidelidades renovadas dentro de uma grande fidelidade

A fidelidade é um processo e é fruto de uma educação. Pequenas fidelidades são educadas desde criança. A sensibilidade a certas opções também é educada e revela uma hierarquia de valores. Aos poucos a pessoa pode ir assumindo mais opções que requerem fidelidades cada vez mais amplas. Precisa também sentir a satisfação resultante da fidelidade. Há momentos na vida que são mais adequados que outros para assumir opções de estado de vida. As opções ainda não garantem uma continuidade conhecida. A vida fará pensar quem não pensou suficientemente para decidir e optar. Por mais consciência que alguém tenha de si e das consequências de sua decisão em determinadas etapas da vida, ainda não está garantida a fidelidade. Há situações novas - mais significativas umas, e menos significativas outras - que podem abalar as opções feitas. Requer-se, portanto, um posicionamento duplo: de um lado muita vigilância sobre si e sobre a realidade para garantir um domínio responsável diante do novo que vai acontecendo; do outro lado, uma retomada do contexto, das razões e das motivações das decisões feitas, estabelecendo a conexão entre o ontem e o hoje em vista de um amanhã fiel.

Uma experiência, por mais forte e significativa que tenha sido, se não se retomar, renovar e fortalecer, esta experiência morre com o tempo. A experiência retomada pode ajudar a fortalecer o lado saudável, adulto, salvo, apostólico da pessoa. A experiência

retomada também reaviva as motivações e emoções presentes num momento significativo anterior. Experiências saudáveis não retomadas dão espaço para fortificar feridas, fragilidades, compensações e entrar num possível processo de regressão e infidelidade. O rompimento da promessa não é momentâneo, mas é um dos pontos de chegada de um processo. Claro, como já afirmamos, certa não continuidade numa causa e numa opção não significa – como algum dia se pensava – algo que teria a ver com uma possível salvação ou não, mas certamente tira da pessoa alguns meios de crescimento e vida realizada com boa autoestima e autorrespeito.

Portanto, é muito bom aceitar a antropologia do limite⁶⁰, ou seja, a fragilidade que pode levar a decisões que poderiam enfraquecer as opções menores e depois mais amplas. A vigilância humana sobre si e sobre os demais facilita a fidelidade. Podemos ser fiéis optando pelo cultivo do afeto, da inteligência e da vontade dentro das opções feitas, e não o contrário: fazer a opção por uma forma de vida e alimentar o afeto, os conteúdos intelectuais e outras opções em dissonância com a opção existencial feita. Qualquer prejuízo ou omissão em alguma variável humana terá efeito – com o tempo – no conjunto da pessoa. Um desenvolvimento integral iluminado pelos valores do Reino de nível espiritual pode ser um itinerário de fidelidade.

9.2 Comunidade, missão e acompanhamento

Ainda retomando nosso caminho percorrido nestas nossas reflexões e análises, convém retomar a importância da comunidade como lugar de fidelidade. É preciso criar comunidade com confiança, possibilidade de dialogar, partilhar, conhecer em profundidade a vida de cada integrante, assumir o projeto pessoal de todos. A comunidade partilha a fé, a eucaristia, os estudos, as experiências afetivas. Ela é suporte afetivo sobretudo diante de fragilidades, de momentos saudáveis e presença ampla, incluindo as famílias dos integrantes da comunidade. A fidelidade partilhada produz senso se realização e ânimo que confirma o desejo profundo da vontade de Deus⁶¹.

A comunidade ajuda a fazer e partilhar profundas experiências de Deus e de fé. Ela também partilha a missão. O suporte na missão é incentivo a solidificar a opção realizada e é apoio para visibilizar o Reino de Deus. A comunidade organiza a cultura de acompanhamento, necessária para um incentivo ao amor e à fidelidade. O acompanhamento constitui-se num meio muito importante para facilitar a fidelidade. Evidentemente não há como identificar acompanhamento e fidelidade, ou seja, concluir que se alguém não dá continuidade a seu processo e opção existencial que a ele faltou acompanhamento. A questão da fidelidade é algo bem mais amplo e complexo como pudemos dar-nos conta. Contudo, não podemos diminuir a importância do acompanhamento, sobretudo se compreendido como acenamos acima.

10. O itinerário formativo como dinâmica criativa de fidelidade

A formação, sobretudo em suas primeiras etapas, em geral é ‘acusada’ como tendo tido tantas falhas a ponto de ser a causadora da infidelidade. Isso tem algo de verdade, mas há também um pouco de projeção e transferência da insatisfação existen-

⁶⁰ Para compreender melhor esta antropologia do limite veja-se as obras de **Ricardo Peter**, especialmente *Aceita os teus limites, A imperfeição nos Evangelhos*, e outros.

⁶¹ Cf William Sneek p 3.

cial para etapas anteriores. Projeção da insatisfação e transferência a uma outra realidade externa e anterior ao que não se consegue viver nem sustentar adequadamente hoje. Vamos sempre mais assumindo a formação como um itinerário de fidelidade. Por toda a vida e em cada etapa há conteúdos e experiências de formação que podem predispor a pessoa à fidelidade.

A formação precisa ajudar a cada pessoa e ao grupo a fazerem um itinerário sempre retomado. Precisa ajudar a pessoa a conhecer sua realidade pessoal e cultural, precisa ajudá-la a aceitar a realidade que ela é, mesmo não tendo optado conscientemente por tantos fatos e realidades. Aprendemos modelos com misto de amor e de desamor, aprendemos modelos compensatórios, aprendemos modelos afetivos aos quais nos apegamos, mas que precisamos superar. Uma vez integrado o passado, importa apresentar valores e ideais que possam fascinar as pessoas e ajudá-las a se sentirem importantes na construção do Reino de Deus. Além disso, também é importante ajudar as pessoas a internalizar estes ideais e valores a tal ponto que sejam força motivadora alegre capaz de manter as decisões feitas com fidelidade.

Todo este processo precisa ser retomado como conjunto e em cada parte, acompanhado pela comunidade e identificado numa instituição significativa que assumiu uma causa na qual vale a pena empenhar a vida. Neste sentido, é preciso assumir as consequências de um modelo de inclusão, como se refere Papa Francisco. O papa diz: “Duas lógicas percorrem toda a história da Igreja: marginalizar e reintegrar. (...) O caminho da Igreja, desde o Concílio de Jerusalém em diante, é sempre o de Jesus: o caminho da misericórdia e da integração. (...) O caminho da Igreja é o de não condenar eternamente ninguém; derramar a misericórdia de Deus sobre todas as pessoas que a pedem com coração sincero (...). Porque a caridade verdadeira é sempre imerecida, incondicional e gratuita. Por isso, temos de evitar juízos que não levam em conta a complexidade das diversas situações, e é necessário estar atentos ao modo em que as pessoas vivem e sofrem por causa da sua condição»⁶².

Somos todos estimulados a uma formação mais integral e profunda que facilite as opções de vida com mais liberdade e facilite a fidelidade. Carbalho afirma que precisamos formar à vida em plenitude para prevenir abandonos e reforçar a fidelidade⁶³. A formação precisa ser integral, personalizada, permanente, progressiva, gradual e acompanhada; propiciar o uso das energias na identificação e seguimento de Cristo para – com o Pai – realizar o Reino de Deus.

Podemos concluir com algumas indicações para aprofundamentos:

- a) Cada qual pode retomar seu itinerário de fidelidade, suas dificuldades, superações; as motivações de fidelidade que foram reforçadas; os as práticas que mais ajudam a crescer na fidelidade.
- b) Cada comunidade precisa criar um clima de confiança, acolhida, compreensão que facilite a partilha de vida, incluindo questões vocacionais. Ela precisa também garantir um apoio afetivo humano, religioso a seus integrantes. O Ir. Diretor tem um papel importante neste aspecto.

⁶² Papa Francisco, *Amoris Laetitia*, nº 296.

⁶³ Carbalho, José Rodriguez, in: Para uma vida consagrada fiel, *desafios antropológicos a la formación*. 67º Conventus semestralis, UISG, (2006?) p 39-56.

- c) O Conselho Provincial, a Assembleia Provincial, o Capítulo Provincial ou outras instâncias precisam encontrar formas e estruturas de acompanhamento e oferecer um projeto institucional atraente e motivador que facilite a fidelidade. O Conselho Provincial, entre outros aspectos, precisa prever a forma de preparar formadores que possam conhecer e elaborar os conteúdos básicos acima apresentados, sobretudo naquilo que possa favorecer uma fidelidade dinâmica e criativa.